

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS - COMISSÃO DE GRADUAÇÃO
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Cristiane Costa Mello

**GÊNERO E SEXUALIDADE NA REVISTA *PESQUISA FAPESP* (2015-2020):
limites e possibilidades ao ensino-aprendizagem**

Porto Alegre

2021

CRISTIANE COSTA MELLO

**GÊNERO E SEXUALIDADE NA REVISTA *PESQUISA FAPESP* (2015-2020):
limites e possibilidades ao ensino-aprendizagem**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Heloisa Junqueira

Porto Alegre

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Mello, Cristiane Costa
GÊNERO E SEXUALIDADE NA REVISTA PESQUISA FAPESP
(2015-2020): limites e possibilidades ao
ensino-aprendizagem / Cristiane Costa Mello. -- 2021.
56 f.
Orientadora: Heloisa Junqueira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Biociências, Licenciatura em Ciências Biológicas,
Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Divulgação científica. 2. Revista Pesquisa
FAPESP. 3. Gênero. 4. Sexualidade. I. Junqueira,
Heloisa, orient. II. Título.

Cristiane Costa Mello

**GÊNERO E SEXUALIDADE NA REVISTA *PESQUISA FAPESP* (2015-2020):
limites e possibilidades ao ensino-aprendizagem**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Eunice Aita Isaia Kindel
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Sandra dos Santos Andrade
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Heloisa Junqueira (orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e ao meu irmão, por todo o esforço, suporte e incentivo para que eu pudesse chegar até aqui.

Ao meu namorado, Guilherme, pelo apoio, companheirismo e parceria, por tornar a vida mais leve e feliz mesmo em meio às dificuldades.

A todos os amigos e amigas, em especial à Renata e ao Rafael, por todas as risadas, pelas horas nas filas do RU e pelas fofocas compartilhadas.

À Heloisa, professora, orientadora e amiga que tive o prazer de conhecer. Por todo o carinho, por tudo que me ensinou e por sempre buscar me tranquilizar.

Às professoras Russel e Maríndia, pelas orientações na RP e no PIBID.

Às professoras Eunice e Sandra, por terem aceito o convite para comporem a Banca Examinadora deste TCC.

A todas as pessoas que conheci neste caminho e contribuíram para a minha formação.

Muito obrigada!

RESUMO

Gênero e sexualidade são temáticas componentes do currículo escolar de Ciências e Biologia da Educação Básica. No entanto, este conteúdo nem sempre é trabalhado de modo a gerar interesse e curiosidades nas/os estudantes, o que reduz as possibilidades de sanarem suas dúvidas e de relacionarem a sexualidade humana com as implicações socioculturais de gênero, incidindo na permanência de estereótipos e preconceitos. Os levantamentos que indicam números elevados de gravidez precoce, infecção por agentes transmitidos sexualmente e de vítimas de violências psicológica, física e sexual, corroboram a necessidade de se criar articulações pedagógicas com outros suportes que não os Livros Didáticos (LD), a exemplo das revistas de divulgação científica. Esta pesquisa objetivou investigar os textos presentes em uma amostra de seis anos de edições da revista *Pesquisa FAPESP*, buscando identificar e analisar a presença/ausência de fragmentos textuais com elementos de gênero e sexualidade, pensando em possíveis relações com o ensino nas escolas. Das edições publicadas da revista *Pesquisa FAPESP*, e adotando um critério temporal, criou-se uma amostra de edições circunscritas ao período de 2015 a 2020. A organização e tabulação dos dados empíricos permitiu que os termos relacionados ao objeto de pesquisa fossem contabilizados. Por critérios semânticos e de sentido, estes termos foram agrupados e reagrupados, resultando nas categorias e subcategorias de análise. A amostra das edições revelou presença significativa de informações e conhecimentos sobre gênero e sexualidade, com ênfase nos contextos de vida de meninas e mulheres. Os tópicos mais frequentes mencionam referências a meninas e mulheres, infecções sexualmente transmissíveis, gestação, violências, carreira e desigualdades. A discussão e análise dos resultados, possibilitou afirmar que a revista *Pesquisa FAPESP* é um veículo de difusão científica relevante, consistente e atualizado, podendo ser inserida e aproveitada nas programações curriculares da Educação Básica, em especial, às do ensino de Ciências, apesar de alguns assuntos exigirem complementos. Sabendo que os campos da divulgação científica e o do ensino de Ciências podem ser articulados epistemológica e pedagogicamente, quando se trata de formação e profissionalização dos sujeitos envolvidos, incentiva-se que outras pesquisas e estudos sejam realizados, assim contribuindo na elaboração de projetos pedagógicos que vinculem o currículo escolar e os LD com as revistas de divulgação científica. Assim como os conceitos de gênero e sexualidade, outros tantos poderiam ser investigados.

Palavras-chave: Divulgação científica. Revista Pesquisa FAPESP. Gênero. Sexualidade.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Número total de fragmentos da revista <i>Pesquisa FAPESP</i> relacionados a gênero e/ou sexualidade, por ano.....	21
Figura 2 - Exemplos em que a ciência foi afetada pela falta de estudos considerando as mulheres e suas características biológicas.....	23
Quadro 1 - Categorias de análise e seus aparecimentos totais.....	22

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....	12
2.1 SOBRE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA.....	12
2.1.1 Revista Pesquisa FAPESP.....	12
2.2 SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE.....	13
3 METODOLOGIA.....	19
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....	21
4.1 MENINAS E MULHERES.....	22
4.2 SEXUALIDADE, GESTAÇÃO, MATERNIDADE E PROTEÇÃO.....	25
4.3 VIOLÊNCIAS.....	28
4.4 GÊNERO E TRABALHO.....	30
4.5 DESIGUALDADES SOCIOHISTÓRICAS E DIREITOS DA MULHER.....	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36
APÊNDICES.....	40

1 INTRODUÇÃO

Gênero e sexualidade são dois conceitos que se referem a construções socioculturais. Gênero diz respeito às definições sobre o que é ser feminino ou masculino, sofrendo variações conforme à época e à cultura (LOURO, 2011). Já a sexualidade humana apresenta componentes biológicos, psicológicos e sociais, os quais são expressos de modo individual e coletivo, conforme as aprendizagens durante a socialização (MAIA; RIBEIRO, 2011). Assim, gênero e sexualidade permeiam a constituição dos seres humanos e adentram o ambiente escolar através dos currículos escolares e do que se diz, cultural e socialmente, sobre os corpos de estudantes, professoras/es e funcionárias/os¹. Geralmente os assuntos que compõem essas temáticas são trabalhados nas aulas de Ciências, no Ensino Fundamental, e Biologia, no Ensino Médio, comumente denominados de Educação Sexual.

Para o desenvolvimento desta e de outras temáticas, é comum que professoras/es utilizem apenas os livros didáticos (LD) como recurso para a seleção dos conteúdos a serem ensinados, incluindo a sequência, o nível de profundidade, a linguagem e a forma como são apresentados. No entanto, trabalhar com este material didático exige uma leitura atenta e crítica, problematizando o que apresenta e identificando suas limitações e possibilidades, bem como os estereótipos e preconceitos que podem vir a produzir e reproduzir.

No que diz respeito a gênero e sexualidade, ocorre de muitos LD focarem apenas nos componentes biológicos da temática, com ênfase nos riscos e perigos de infecção e/ou gravidez. Tópicos relacionados ao prazer, por exemplo, são reduzidos às particularidades anatômico-fisiológicas, como se observa em uma definição da glândula do pênis e do clitóris adjetivados de “sensíveis”; em relações de causa-efeito entre os hormônios liberados na ocorrência de um orgasmo; e em descrições de um processo de ejaculação. Essas menções descontextualizam e insensibilizam o corpo, podendo inviabilizar relações de sentido e significado quanto a sentimentos e sensações, incluindo as relações consigo e com o/a outro/a.

Os âmbitos sociais, culturais e afetivos estão frequentemente ausentes ou pouco presentes nos LD, o que não contribui - podendo até mesmo dificultar - às

¹ O uso de uma linguagem não sexista visa dar visibilidade à existência dos gêneros masculino e feminino, nominando-os na forma escrita (RIO GRANDE DO SUL, 2014; UNESCO, 1996).

compreensões das/os estudantes quanto aos contextos de suas vidas na adolescência. É necessário, portanto, criar condições de ensino-aprendizagem que possibilitem as/os estudantes se apropriarem do meio em que vivem, identificando o papel do gênero de uma pessoa na definição de privilégios e/ou conflitos a serem enfrentadas ao longo da vida; problematizar a noção que afirma ser exclusivamente da mulher a responsabilidade da contracepção, observável inclusive pelos métodos contraceptivos existentes, com poucas opções disponíveis aos homens; reconhecer que é possível sentir prazer em todo o corpo, e não apenas nos genitais, sendo o orgasmo um processo complexo, não apenas dependente do corpo em que se habita, mas também dos contextos culturais e socioeconômicos em que vivem os sujeitos. Assim, nestas temáticas, os LD têm sido considerados um suporte insuficiente aos questionamentos, reflexões e aprendizagens que podem amparar as/os estudantes na sua vida, bem como suas/seus professoras/es nos planejamentos didático-pedagógicos.

Neste sentido, e para além dos LD, as revistas de divulgação científica foram consideradas suportes impressos ou virtuais de valor aos aprendizados relativos aos temas aqui em foco, já que costumam conter informações e conhecimentos atualizados, com uma linguagem própria dos veículos de divulgação científica. As revistas *Ciência Hoje*, *Ciência Hoje das Crianças*, *Pesquisa FAPESP*, *Superinteressante* e *Galileu*, por exemplo, são consideradas fontes legítimas de difusão da ciência e da educação científica, permitindo que se estabeleçam relações com o currículo escolar.

A revista *Pesquisa FAPESP* é editada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), foi lançada em outubro de 1999 e até hoje continua sendo publicada. Seu objetivo prioritário é “difundir e valorizar os resultados da produção científica e tecnológica brasileira” (FAPESP, 2021, *on-line*). Noticiar e discutir ciência e tecnologia no Brasil, em diversos campos do conhecimento, são intenções que se relacionam com o impacto intelectual, social ou econômico. Não apenas de forma física, as edições publicadas podem ser acessadas em sua versão digital, gratuitamente, pelo *site* <https://revistapesquisa.fapesp.br/>. Considerando a pandemia de Covid-19² e o ensino remoto emergencial, o acesso virtual, aberto e

² Em março de 2020 foi decretada a pandemia de Covid-19, resultando na tomada de medidas de isolamento social, com o fechamento temporário de escolas, universidades, comércios e espaços públicos em geral. Esse contexto impossibilitou o desenvolvimento de pesquisas com atividades presenciais em campo. Até a publicação deste trabalho não havia sido decretado o fim da pandemia.

gratuito, às edições publicadas foi um forte motivador na escolha deste suporte para o desenvolvimento desta pesquisa.

Segundo os dados do Ministério da Saúde reunidos pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), mais de 19 mil bebês nascidos vivos são de meninas com idade entre 10 e 14 anos. As taxas de fecundidade na adolescência mostram que o Brasil apresenta 53 adolescentes grávidas a cada mil, enquanto a média mundial é de 41. A maioria dessas gestações não são intencionais e muitas estão associadas a situações de abuso e violência sexual (UNFPA, 2021). Os efeitos de uma gravidez precoce compreendem “a interrupção ou o abandono escolar, o atraso ou a inserção não qualificada no mundo do trabalho e uma continuidade do ciclo intergeracional de pobreza e desigualdade” (UNFPA, 2021, *on-line*). A Pesquisa Nacional de Saúde de 2019 estima que cerca de 1 milhão de brasileiras/os com 18 anos ou mais (0,6% da população) receberam o diagnóstico de alguma infecção sexualmente transmissível (IST) no período de 12 meses anteriores às entrevistas realizadas (IBGE, 2020). Em relação às violências psicológica, física e sexual, aproximadamente 29,1 milhões de pessoas relataram ter sofrido algum tipo dessas violências, sendo o percentual de vítimas maior para as mulheres do que para os homens (IBGE, 2020).

Mulheres apresentam maiores riscos de serem vítimas de violência, sendo urgente a necessidade de oferecer meios para o desenvolvimento de sua autonomia, seu empoderamento e sua independência. Além disso, o conhecimento do próprio corpo e de si, como pessoa, pode permitir escolhas conscientes dos métodos de proteção contra gravidez e IST mais apropriados, de acordo com o contexto de vida da mulher. O conhecimento das situações de risco referentes à gravidez, IST e violência, bem como das medidas a serem tomadas em casos de exposição, são essenciais para a proteção desse grupo.

Considerando-se, de um modo geral, que nas escolas de Educação Básica os conteúdos relacionados a gênero e sexualidade se restringem aos componentes curriculares de Ciências e Biologia, é fundamental que a conscientização das estudantes se inicie o quanto antes. Para isso, é necessário apresentar as temáticas e sanar as dúvidas das/os estudantes, estabelecendo relações entre a diversidade da sexualidade humana, seus contextos sociais e identitários, bem como as implicações culturais que afetam os gêneros, em especial às meninas e mulheres. É

preciso e urgente criar situações de ensino-aprendizagem que gerem mais autonomia feminina, mecanismos de proteção e empoderamento das estudantes.

Um dos meios de valorizar os conteúdos de gênero e sexualidade, e contribuindo aos processos de ensino-aprendizagem, situa-se na articulação dos conteúdos escolares com veículos de divulgação científica, em seus diferentes suportes impressos ou virtuais. Baseando-se neste pressuposto, definiu-se as seguintes perguntas-problema de pesquisa: o que a revista de divulgação científica *Pesquisa FAPESP* apresenta sobre gênero e sexualidade? O conteúdo apresentado na revista possibilita criar relações de sentido e significado com os conteúdos escolares? O modo como o conteúdo é apresentado poderia incentivar a criação de projetos pedagógicos que desenvolvam autoconhecimento, segurança, autonomia e empoderamento de meninas e mulheres?

A partir destas perguntas-problema, foram definidos os principais objetivos da pesquisa. O objetivo geral consistiu em investigar os textos presentes em uma amostra de edições da revista *Pesquisa FAPESP*, publicadas de 2015 a 2020, buscando identificar os fragmentos relativos às temáticas de gênero e sexualidade. Com esta intenção, formulou-se os seguintes objetivos específicos: a) identificar a presença ou ausência das temáticas gênero e/ou sexualidade; b) selecionar fragmentos das edições, contabilizando o número de aparecimentos dos termos relacionados aos temas em foco; c) definir categorias de análise a partir dos dados obtidos e analisar os resultados; d) discutir se o que é apresentado na revista viabiliza que meninas e mulheres desenvolvam autoconhecimento, segurança, autonomia e empoderamento; e) identificar e analisar relações do material apresentado com os conteúdos escolares.

A amostra a ser investigada, edições da revista *Pesquisa FAPESP* publicadas de 2015 a 2020, foi definida a partir dos critérios: temporal, selecionando-se as edições mais recentes; completude, selecionando-se os anos já findados; e limite de tempo, selecionando-se um número passível de ser investigado dentro do prazo estabelecido.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Nesta seção são apresentados os conceitos de divulgação científica, gênero e sexualidade, e uma breve contextualização sobre a revista de divulgação científica *Pesquisa FAPESP*.

2.1 SOBRE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

A divulgação científica acontece quando há o compartilhamento de conhecimentos e informações sobre ciência e tecnologia voltados para o público em geral (LOUREIRO, 2003). Para que a popularização da ciência ocorra de forma efetiva, é necessário que sejam empregadas “técnicas de recodificação de linguagem da informação científica e tecnológica objetivando atingir o público em geral e utilizando diferentes meios de comunicação de massa” (LOUREIRO, 2003, p. 91).

Não apenas divulgar dados, trabalhos e descobertas científicas para pessoas leigas, é preciso que a mensagem e o conteúdo sejam adaptados para que possam ser entendidos pelo público-alvo, não só pela adequação da linguagem, mas também pela contextualização à realidade em que as pessoas estão inseridas. Além disso, os textos de divulgação científica devem estar acessíveis à audiência, sendo publicados em diversos formatos, como textos, imagens, vídeos, áudios e infográficos, por exemplo, e em diferentes meios, como as escolas, museus, televisão, redes sociais, revistas, dentre outros. Desse modo o objetivo da divulgação científica é capaz de ser alcançado.

2.1.1 Revista *Pesquisa FAPESP*

A revista *Pesquisa FAPESP* é um exemplo de meio para a divulgação da ciência e tecnologia. A revista teve seu lançamento em outubro de 1999, sendo originada do informativo *Notícias FAPESP*, que era distribuído gratuitamente, desde agosto de 1995, para pesquisadoras/es paulistas, gestoras/es da política nacional de

ciência e tecnologia, e jornalistas. A revista é editada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), tendo como objetivo básico “difundir e valorizar os resultados da produção científica e tecnológica brasileira” (FAPESP, 2021, *on-line*), e como missão “noticiar e discutir, de forma precisa, equilibrada e acessível, os resultados obtidos em ciência e tecnologia no Brasil, em todos os campos do conhecimento e que se destaquem por seu impacto intelectual, social ou econômico” (FAPESP, 2021, *on-line*). É possível acessar o conteúdo da seção “Quem somos”, presentes no *site* da revista, no Apêndice A.

Não apenas física, a revista *Pesquisa FAPESP* conta com um *site* que disponibiliza todos os textos publicados na revista - da primeira edição até a mais atual, sendo todo o material de acesso aberto e gratuito. Através do meio eletrônico <https://revistapesquisa.fapesp.br/>, são publicados vídeos e fotos que podem complementar, ou não, os conteúdos das edições impressas. Ademais, o *site* conta com traduções dos textos para os idiomas espanhol e inglês.

2.2 SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

Gênero e sexualidade são duas palavras que permeiam o nosso cotidiano, sendo utilizadas e repetidas nos mais variados contextos, sem, no entanto, termos a certeza de que têm um significado real para quem as recebe. Assim, o que queremos dizer quando nos referimos a gênero e sexualidade?

Muitas vezes os termos “gênero” e “sexualidade” são utilizados como sinônimos de sexo biológico, como uma forma de nos referirmos a homens e mulheres no sentido de pessoas com vulva ou pênis; com hormônios sexuais predominantemente femininos ou masculinos; ou com cromossomos XX ou XY. No entanto, não são sobre estes aspectos, única e exclusivamente, que estes termos são definidos.

Ao tratarmos sobre gênero, estamos nos referindo a algo além dos corpos biológicos. Quando falamos sobre homens e mulheres, não estamos falando sobre anatomia e fisiologia, pois o pertencimento de gênero independe do sexo biológico. Quantas vezes já não ouvimos que certos objetos, cores e comportamentos são de menina ou de menino? Bonecas, saltos e maquiagem para as meninas; carrinhos, chuteira e bola para os meninos. Rosa é cor de menina; azul é cor de menino. As meninas devem ser delicadas, mas tudo bem os meninos serem mais agressivos.

Questões como estas vão muito além das características físicas que temos desde quando nascemos, são construções e definições impostas socialmente sobre o que é considerado feminino ou masculino, sofrendo variações conforme a época e a cultura.

Guacira Louro (2008) afirma que tanto o gênero, quanto a sexualidade, são aspectos que construímos ao longo da vida e de forma contínua. Mas não só construímos, como são construídos em nós. “Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo” (LOURO, 2008, p. 18). Assim, podemos resumir gênero com as palavras da autora:

O conceito levava a afirmar que tornar-se feminina supõe uma construção, uma fabricação ou um aprendizado que acontece no âmbito da cultura, com especificidades de cada cultura. Portanto, as marcas da feminilidade são sempre diferentes de uma cultura para outra; essas marcas se transformam, são provisórias. Inscrevê-las num corpo supõe, também, lidar com as marcas distintivas do seu outro, a masculinidade. Percebe-se, então, que ao falar de gênero estamos nos referindo a feminilidades e a masculinidades (sempre no plural). A potencialidade do conceito talvez resida exatamente nesta noção, a de que se trata de uma construção cultural contínua, sempre inconclusa e relacional. (LOURO, 2011, p. 63-64)

Sexualidade, assim como gênero, também é aprendido e construído de acordo com o meio sociocultural em que estamos inseridos. Ana Cláudia Maia e Paulo Ribeiro afirmam que:

A sexualidade é um conceito amplo e histórico. Ela faz parte de todo ser humano e é representada de forma diversa dependendo da cultura e do momento histórico. A sexualidade humana tem componentes biológicos, psicológicos e sociais e ela se expressa em cada ser humano de modo particular, em sua subjetividade e, em modo coletivo, em padrões sociais, que são aprendidos e apreendidos durante a socialização. (MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 75-76)

Assim, sexualidade diz respeito à constituição do indivíduo, bem como às suas relações com outras pessoas. Sexualidade é sobre sexo, afeto, prazer, sentimentos e sensações. É sobre quem eu sou e o que o outro causa em mim. No entanto, nós não somos livres para vivermos e expressarmos nosso gênero e sexualidade de forma completa. Como apresentado anteriormente, estes dois

aspectos são impostos e regulados sobre nós e nossos corpos, existindo um padrão a ser seguido e que é tido como o “certo”. Sobre isso, Guacira Louro afirma:

No contexto da sociedade brasileira, ao longo de sua história, foi sendo produzida uma norma a partir do homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão. Essa é nossa identidade referência, a identidade que não precisa ser mencionada porque é suposta, está subentendida. Por isso os “outros”, os sujeitos “diferentes”, os “alternativos” ou os “problemáticos” serão, em princípio, as mulheres, as pessoas não brancas, as não heterossexuais ou não-cristãs. (LOURO, 2011, p. 65)

Em contextos escolares, gênero e sexualidade têm sido trabalhados quase que exclusivamente nos componentes curriculares de Ciências (Ensino Fundamental) e de Biologia (Ensino Médio). A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) não apresenta nenhuma referência ao termo “gênero” nas áreas de Ciências da Natureza. Em relação à sexualidade, encontramos na Unidade Temática “Vida e evolução”, do 8º ano do Ensino Fundamental, os Objetos de Conhecimento “Mecanismos reprodutivos” e “Sexualidade”, que são compostos pelas seguintes habilidades:

(EF08CI07) Comparar diferentes processos reprodutivos em plantas e animais em relação aos mecanismos adaptativos e evolutivos.

(EF08CI08) Analisar e explicar as transformações que ocorrem na puberdade considerando a atuação dos hormônios sexuais e do sistema nervoso.

(EF08CI09) Comparar o modo de ação e a eficácia dos diversos métodos contraceptivos e justificar a necessidade de compartilhar a responsabilidade na escolha e na utilização do método mais adequado à prevenção da gravidez precoce e indesejada e de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST).

(EF08CI10) Identificar os principais sintomas, modos de transmissão e tratamento de algumas DST (com ênfase na AIDS), e discutir estratégias e métodos de prevenção.

(EF08CI11) Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética). (BNCC, 2018, p. 349)

Essas habilidades focam apenas na sexualidade, IST e gravidez. A menção à puberdade e às transformações que ocorrem a partir desta, é seguida da orientação para que seja trabalhado sob o olhar biológico dos hormônios e do sistema nervoso,

desconsiderando as mudanças emocionais e sociais que acompanham as mudanças físicas. Em relação à sexualidade, são citadas as diferentes dimensões que a compõem, não reduzindo-a apenas ao âmbito biológico, mas também considerando aspectos socioculturais, afetivos e éticos. No entanto, não há exemplificação sobre tais aspectos, deixando margem para que não sejam desenvolvidos de maneira completa e satisfatória para o entendimento das/os estudantes.

Por outro lado, a introdução da área de Ciências da BNCC é mais ampla no que se refere à sexualidade, possibilitando que este assunto seja desenvolvido de modo a estabelecer relações com os aspectos sociais da vida das/os estudantes. Assim, pode-se dizer que as habilidades mencionadas contradizem o que aparece na introdução, como indica o trecho abaixo:

Pretende-se que os estudantes, ao terminarem o Ensino Fundamental, estejam aptos a compreender a organização e o funcionamento de seu corpo, assim como a interpretar as modificações físicas e emocionais que acompanham a adolescência e a reconhecer o impacto que elas podem ter na autoestima e na segurança de seu próprio corpo. É também fundamental que tenham condições de assumir o protagonismo na escolha de posicionamentos que representem autocuidado com seu corpo e respeito com o corpo do outro, na perspectiva do cuidado integral à saúde física, mental, sexual e reprodutiva. (BNCC, 2018, p. 327)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) definem o tema “Orientação Sexual” como um tema transversal a ser trabalhado nas escolas de Educação Básica. O documento aponta para um trabalho escolar em que sejam contemplados os saberes prévios das/os estudantes nos planejamentos de ensino-aprendizagem das/os professoras/es, inserindo informações científicas atualizadas (BRASIL, 1998). Para a seleção dos conteúdos referentes a esta temática, foram adotados os seguintes critérios:

- relevância sociocultural, isto é, conteúdos que correspondam às questões apresentadas pela sociedade no momento atual;
- consideração às dimensões biológica, psíquica e sociocultural da sexualidade, buscando contemplar uma visão ampla e não reducionista das questões que envolvem a sexualidade e o seu desenvolvimento no âmbito pessoal;

- possibilidade de conceber a sexualidade de forma prazerosa e responsável. (BRASIL, 1998, p. 315-316)

Com os critérios definidos, os conteúdos sobre Orientação Sexual foram agrupados em três blocos: “Corpo: matriz da sexualidade”, “Relações de Gênero” e “Prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis/Aids”. Estas temáticas relacionam-se diretamente com os objetivos de criar condições nas/os estudantes de, ao final do Ensino Fundamental, identificarem e respeitarem a diversidade; reconhecerem o próprio corpo; posicionarem-se frente às discriminações relacionadas a gênero e sexualidade; perceberem e expressarem seus próprios desejos e sentimentos, valorizando os de outras pessoas; reconhecerem a necessidade de consentimento em relações prazerosas; utilizarem métodos de proteção contra IST e gravidez não planejada; protegerem-se contra relacionamentos abusivos; dentre outros (BRASIL, 1998). Observa-se, assim, que ao contrário da BNCC, os PCN eram mais consistentes no que se refere a gênero e sexualidade, o que possibilitaria um trabalho mais rico sobre essas temáticas nas escolas. Lamentavelmente, os parâmetros foram substituídos pela BNCC, não sendo mais vigentes no cenário nacional.

Mesmo com a existência de documentos norteadores, os livros didáticos são muitas vezes utilizados como fonte principal e/ou única para conduzir o planejamento e as ações metodológicas das aulas pelas/os professoras/es, que nem sempre têm conhecimento adequado e aprofundado o suficiente para conseguirem ter autonomia no planejamento e execução das atividades. No entanto, os conteúdos e abordagens ali presentes não necessariamente serão apropriados e completos ao ensino e à aprendizagem das/os estudantes. Segundo Núñez *et al.* (2003), os professores devem ser capazes de analisar os livros didáticos disponibilizados, identificando suas possibilidades e limitações, considerando-os como um entre outros instrumentos aptos para o ensino.

Assim, os livros didáticos devem ser lidos de forma atenta e crítica, considerando quais conteúdos apresentados são relevantes ao ensino, mas também observando quais devem ser melhor explorados ou abordados de forma diferente. Ao analisar, é preciso ter em mente que estes materiais são elaborados dentro da sociedade, por pessoas com suas próprias opiniões, experiências e visões de mundo. Portanto, os livros não são neutros e estão sujeitos a refletirem e

reproduzirem o contexto social em que foram elaborados, incluindo preconceitos e exclusões (SCHLICKMANN, 2011).

No que diz respeito às pesquisas sobre sexualidade nos livros didáticos de Ciências, é possível observar a predominância de abordagens centradas em aspectos anatômicos, fisiológicos e de prevenção de doenças, pouco apresentando ou até suprimindo completamente o âmbito sociocultural (SALTON, 2016; SOUZA; COAN, 2013). Elizabeth Macedo (2007, p. 49) também ressalta que “o corpo não só é retirado de seus contextos culturais como até sua dimensão biológica é reduzida ao mecânico ou inanimado”, o que dificulta o processo de identificação de quem lê estes materiais, uma vez que os corpos são mostrados impenetráveis, totalmente desprovidos de emoções, mas ao mesmo tempo extremamente vulneráveis a tudo que há de ruim proveniente do sexual, transmitindo medo e insegurança.

Carine Valiente e Sandra Selles (2017) analisaram livros didáticos de Ciências de 1970 a 2010, e observaram que os estereótipos de gênero são muito presentes quando, por exemplo, retratam o feminino relacionado à delicadeza, beleza, fraqueza e inferioridade, enquanto o masculino é representado com força, destreza e habilidade. Além disso, há também a diferenciação dos corpos sexuais masculinos e femininos para além das genitálias, como Elizabeth Macedo (2007) destaca:

À mulher se associam nervos e hormônios, assim como questões imunológicas frequentemente ligadas a doenças sexualmente transmissíveis. Nos contornos masculinos, além de esqueleto e músculos que indicam uma estrutura rígida e forte, são inseridos sistemas nobres, como o circulatório, respiratório e digestório. A maior importância dos sistemas alocados em carcaças masculinas pode ser também inferida pela seqüência em que os sistemas são apresentados nos currículos, com precedência dos aqui apresentados em corpos masculinos, assim como no maior número de páginas que esses sistemas ocupam em todas as obras analisadas. (MACEDO, 2007, p. 49)

Além disso, não só os livros didáticos, mas também professoras/es e profissionais envolvidos com a escola podem reproduzir visões preconceituosas, discriminatórias e estereotipadas a respeito de assuntos que envolvem gênero e sexualidade. Sobre isso, os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam:

Os professores necessitam entrar em contato com suas próprias dificuldades diante do tema, com questões teóricas,

leituras e discussões referentes à sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para a intervenção prática junto aos alunos e ter acesso a um espaço grupal de produção de conhecimento a partir dessa prática, se possível contando com assessoria especializada. A formação deve ocorrer de forma continuada e sistemática, propiciando a reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho de Orientação Sexual. É necessário que os professores possam reconhecer os valores que regem seus próprios comportamentos e orientam sua visão de mundo, assim como reconhecer a legitimidade de valores e comportamentos diversos dos seus. Tal postura cria condições mais favoráveis para o esclarecimento, a informação e o debate sem a imposição de valores específicos. (BRASIL, 1998, p. 303)

Os livros didáticos são materiais que podem contribuir à manutenção da desinformação, preconceitos e estereótipos acerca dos conteúdos de gênero e sexualidade. Também são utilizados para que as/os professoras/es possam se informar, atualizar e aprender sobre os conteúdos para, assim, planejarem suas aulas. Dessa forma, outros materiais devem ser usados para complementar o ensino e a aprendizagem, suprimindo as deficiências que os livros didáticos apresentam.

3 METODOLOGIA

A pandemia de Covid-19 gerou dificuldades para o acesso de materiais físicos presentes em bibliotecas e escolas, devido às medidas de isolamento social e ao fechamento temporário desses espaços. Com este contexto conflitivo, priorizou-se por materiais disponíveis em forma digital, e com acesso gratuito, relativos ao campo da divulgação científica. Entre os meios brasileiros de divulgação científica, selecionou-se a revista *Pesquisa FAPESP*, através dos seguintes critérios: o acervo digital da orientadora; seu reconhecimento científico e de divulgação; ser financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de São Paulo (FAPESP), com recursos continuados; e ser de acesso gratuito às investigações.

Nesta pesquisa, foram selecionadas as edições da revista *Pesquisa FAPESP*, uma vez que todas as edições já publicadas estão disponíveis virtualmente e sem custo no *site* <https://revistapesquisa.fapesp.br/>. Do total de edições, foram amostradas aquelas publicadas nos anos de 2015 a 2020, as quais totalizaram uma

amostra de 72 revistas. As edições amostradas vão da edição número 227, referente ao mês de janeiro de 2015, até a edição número 298, de dezembro de 2020.

A análise das edições se deu a fim de procurar matérias, entrevistas, cartas e comentários de leitoras/es, e qualquer outro material que se relacione às temáticas de gênero e/ou sexualidade, tais como: estereótipos, desigualdades e violências sexuais e de gênero; gravidez, IST e seus métodos de proteção; orientação sexual e identidade de gênero; promoção do autoconhecimento, autonomia e empoderamento feminino; e qualquer outra considerada relevante e condizente com o objeto de pesquisa.

Para isso, em cada edição foram feitas buscas por termos que pudessem facilitar a identificação destes materiais. Os termos utilizados foram: “fem”, “abuso”, “assédio”, “menina”, “mulher”, “sex” e “gênero”, com o objetivo de encontrar palavras e expressões correlatas ao objeto de estudo. A partir dessa busca, foram selecionados os recortes de cada edição que apresentaram correspondência para um ou mais dos termos pesquisados. Após essa primeira seleção, o conteúdo de cada material foi lido e analisado para a identificação da presença ou ausência de referências a gênero e/ou sexualidade. Os materiais que não se enquadraram ao tema foram excluídos da análise, e os restantes foram utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa e podem ser acessados no Apêndice B.

Com os materiais já selecionados, cada um foi lido de forma atenta e completa, destacando-se os trechos pertinentes à pesquisa. A partir destes trechos, foram identificadas e contabilizadas palavras e expressões relacionadas ao objeto do presente trabalho. Esses processos foram amparados por Maria Laura Franco (2005), dentro do campo da análise de conteúdo.

Tendo as palavras e expressões selecionadas e contabilizadas, estas foram agrupadas conforme seus significados, sentidos e contextos de inserção. O número de vezes em que cada uma aparece foi levado em consideração para a posterior categorização, mas este critério não foi definidor para excluir os termos de baixa citação. Aqueles considerados relevantes à pesquisa foram mantidos. Com os agrupamentos de palavras e expressões, foram criadas categorias de análise *a posteriori*, uma vez que as categorias emergiram do material analisado (FRANCO, 2005) - edições amostradas da revista *Pesquisa FAPESP*. Os dados, já transformados em resultados – as categorias de análise, são discutidos e analisados conforme os fragmentos destacados dos textos da revista.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Com exceção da edição número 239, de janeiro de 2016, todas as edições amostradas da revista *Pesquisa FAPESP*, dos anos de 2015 a 2020, apresentaram alguma matéria relacionada ao problema desta pesquisa. As edições em que apresentaram mais fragmentos sobre a temática gênero e/ou sexualidade foram as edições 266, 280 e 286, com oito cada. Ao somarmos o total de fragmentos por ano, observamos uma crescente entre os anos de 2015 a 2019, com uma leve queda no ano de 2020 (Figura 1). Estes números nos mostram uma possível tendência da revista em apresentar mais conteúdos relacionados às temáticas de mulheres, gênero e sexualidade, tornando-as recorrentes em suas edições. No entanto, a queda no ano de 2020 coincide com o início da pandemia de Covid-19, assunto muito discutido nos meios científicos e jornalísticos, o que poderia justificar tal diminuição.

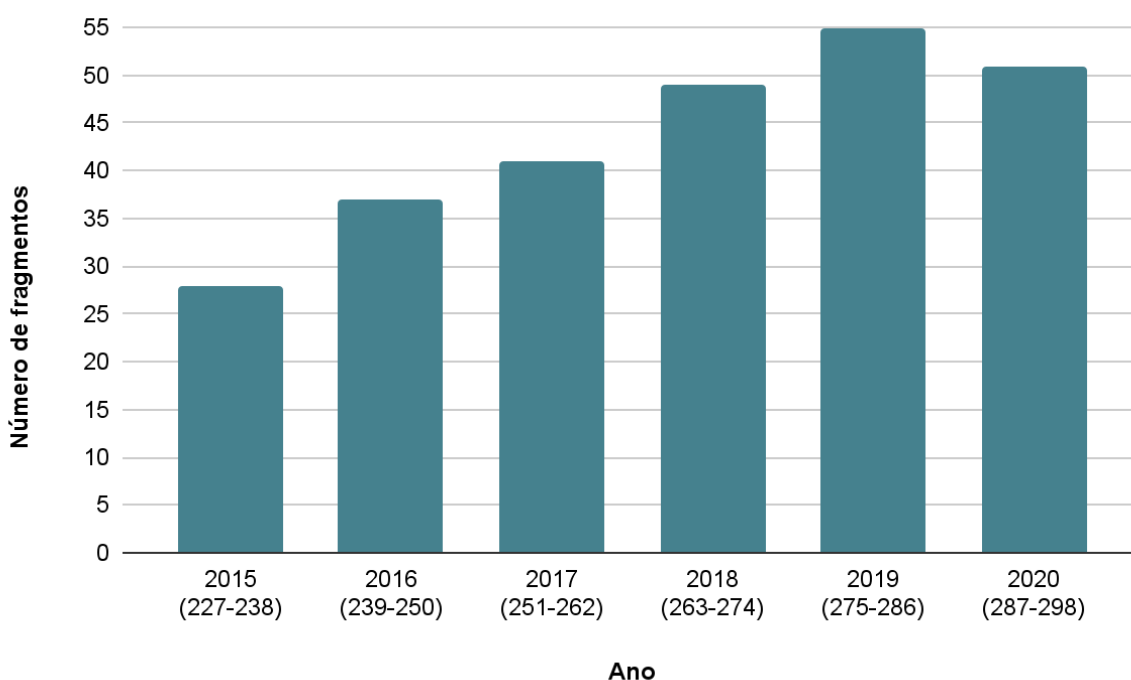


Figura 1 - Número total de fragmentos da revista *Pesquisa FAPESP* relacionados a gênero e/ou sexualidade, por ano. Fonte: Elaborado pela autora (2021).

A partir desses fragmentos, foram feitas leituras que resultaram na seleção e contagem de palavras e expressões consideradas relevantes, as quais foram

agrupadas conforme suas relações de afinidade e semelhanças em sentido e significado. Este processo resultou na criação de 5 categorias de análise, apresentadas de forma compactada no Quadro 1, com os respectivos números de aparecimentos. O quadro completo com as categorias de análise, suas subcategorias e número de aparecimentos estão no Apêndice C.

Quadro 1 - Categorias de análise e número de aparecimentos

CATEGORIAS DE ANÁLISE	TOTAL DE APARECIMENTOS
Meninas e mulheres	2277
Sexualidade, gestação, maternidade e proteção	801
Violências	624
Gênero e trabalho	538
Desigualdades sociohistóricas e direitos da mulher	502

As categorias serão analisadas a partir dos conteúdos presentes e ausentes nas edições da *Pesquisa FAPESP* e em diálogo com outras autoras e autores. No entanto, as categorias não são independentes e sem relações com as outras, podendo alguns pontos se repetirem devido à influência e ao atravessamento dos tópicos entre si.

4.1 MENINAS E MULHERES

A categoria de análise “Meninas e mulheres” engloba as menções relacionadas ao sexo e gênero feminino em suas diversas dimensões a nível individual e social. Foi a categoria com o maior número de aparecimentos dentre as categorias apresentadas, totalizando 2.277; quase 1.500 aparecimentos a mais do que a segunda categoria.

Quando falamos em mulher, podemos estar nos referindo às características físicas e biológicas do sexo feminino, como a vulva, o útero e os cromossomos XX. No entanto, ainda mais, ser mulher diz respeito ao social e à cultura, aos

comportamentos, gestos e gostos; “não é o momento do nascimento e da nomeação de um corpo como macho ou como fêmea que faz deste um sujeito masculino ou feminino” (LOURO, 2008, p. 8). Este conceito se reflete nos dados encontrados na revista: enquanto a palavra “mulher” aparece 1.455 vezes, o termo “corpo feminino” aparece apenas três vezes. As mulheres não dizem respeito apenas àquelas que acompanham consigo um “corpo feminino”, denominadas cisgêneras, mas também àquelas em que o sexo biológico designado ao nascerem não está de acordo com a sua identidade de gênero, as transgêneras e travestis. Nas edições amostradas foram encontradas duas matérias sobre pessoas transgêneras: *Para orientar adolescentes transgêneros* (edição 242, 2016) e *Ambiente diverso* (edição 266, 2018)

No entanto, a matéria “*O gênero da ciência*” (edição 289, 2020) mostra que as questões biológicas podem ser afetadas por questões de gênero. A matéria apresenta que a maioria das pesquisas com seres humanos e animais têm o masculino como norma, resultando, por exemplo, no desenvolvimento de medicamentos que causam mais efeitos colaterais nas mulheres. A Figura 2, retirada da matéria, exemplifica como as questões de gênero afetaram a ciência e as mulheres através de outras situações.

SAÚDE E BIOMEDICINA

? A maioria das pesquisas básicas com animais usa apenas machos. Com isso, características do sexo feminino potencialmente ligadas a doenças permanecem pouco estudadas.

⇒ Nos EUA, legislação federal obriga que estudos com seres humanos, financiados com recursos públicos, incluam mulheres no universo da pesquisa. Além disso, pesquisas experimentais devem incluir animais de ambos os sexos, a menos que haja justificativa fundamentada.

≡ Estudos que consideraram as alterações fisiológicas da gravidez, do ciclo da menopausa revelaram a influência de hormônios femininos sobre o sistema de defesa, ajudando a compreender doenças autoimunes.

DOENÇAS CARDÍACAS

? Historicamente associadas a um problema de saúde masculino, as doenças isquêmicas do coração (DIC) constituem a principal causa de morte entre mulheres nos EUA, segundo a OMS.

⇒ Principalmente a partir da década de 1990, houve um aumento no número de pesquisadoras investigando doenças cardíacas. Ampliação do conhecimento sobre como sexo biológico e comportamentos de gênero se relacionam com essas enfermidades.

≡ Diagnóstico e tratamento aprimorados para mulheres e homens.

GENÉTICA E SEXO

? Por décadas, estudos sobre os mecanismos que controlam o desenvolvimento dos órgãos sexuais focaram apenas os testículos. Por isso, acreditava-se que os ovários resultavam de um desenvolvimento passivo da gônada bipotencial.

⇒ Reconhecimento do desenvolvimento ovariano como processo ativo e identificação de seus mecanismos.

≡ Maior conhecimento de como testículos e ovários se desenvolvem e funcionam. Adoção de nova linguagem para descrever a diferenciação das gônadas.

INDÚSTRIA AUTOMOBILÍSTICA

? Nos testes de segurança de carros, predomina o uso de manequins masculinos, embora as mulheres sofram lesões mais graves em colisões.

⇒ Conscientização sobre a necessidade de realizar testes para investigação do impacto de acidentes em mulheres, idosos e fetos.

≡ Empresas do setor automobilístico aperfeiçoaram seus testes de segurança, levando em consideração a necessidade de incluir distintos indivíduos.

? QUESTÃO
⇒ MUDANÇAS
≡ CONSEQUÊNCIAS

Figura 2 - Exemplos em que a ciência foi afetada pela falta de estudos considerando as mulheres e suas características biológicas. Fonte: Queiroz, 2020.

A revista apresentou o gênero e sexo feminino em diferentes contextos temporais, referindo-se às meninas, às adolescentes e às adultas, como também se

fizeram presentes os fatores étnico-racial, orientação sexual e de classe, uma vez que apenas a categoria de gênero não é capaz de abarcar toda a complexidade e diversidade das mulheres. Além disso, também foram apresentadas as suas diferentes posições e papéis sociais, como estudantes, trabalhadoras, mães, esposas e filhas.

A palavra “mulher”, como sinônimo de esposa ou companheira, foi repetida 75 vezes nos seis anos amostrados, aparecendo nas várias seções que compõem as edições, como nas entrevistas, nos obituários e nas matérias principais, normalmente sob a forma escrita de “mulher de fulano”, “mulher de cicrano”. Mesmo que comumente utilizada, questiono a ideia que essa expressão transmite ao afirmar que uma mulher pertence a alguém, sendo esse alguém um homem, seu marido ou companheiro. Já aprendemos e repetimos o discurso proferido no momento da união de um casal através do casamento: eu vos declaro marido e mulher. Essa frase nos diz que uma mulher só se torna mulher a partir do casamento, enquanto o homem, ao casar, torna-se marido, uma vez que já era homem antes. Tendo em vista esse cenário, utilizar a palavra “mulher” referindo-se à esposa perpetua a ideia da mulher como propriedade, que deixa de ser propriedade do pai para ser propriedade do marido. Andrea Campos (2019) discorre sobre a figura da mulher no Direito Romano, nos tempos do Brasil Colônia e na Contemporaneidade, como objeto de propriedade em que os homens passam a adquirir através do casamento. Além disso, o casamento confere ao homem o lugar de provedor da casa e da “esposa”, que agora o pertence, refletindo-se na não permissão à mulher de trabalhar fora de casa e, também, no entendimento desta de que não é sua responsabilidade contribuir com as despesas da casa.

Ao longo das edições foram expostos alguns relatos e comentários históricos sobre as condições e limitações sociais que as mulheres já enfrentaram ou ainda enfrentam, como não ter permissão para dirigir (*Nanuza Luiza de Menezes: Uma apaixonada em meio às plantas*, edição 231, 2015), serem poucas a receberem prêmios (*Magda Becker Soares: O poder da linguagem*, edição 233, 215), serem internadas por quererem ir a bailes e não serem mais virgens (*Ateliê Juquery*, edição 247, 2016) e não poderem ingressar em universidades (*Yvonne Primerano Mascarenhas: A senhora dos cristais*, edição 258, 2017). Entretanto, não só as condições de opressão e desigualdade surgiram, mas também a exposição do registro de dinastias matrilineares no Egito e de mulheres serem mais ricas que os

homens, nas sociedades primitivas da Grécia (*Anna Curtenius Roosevelt: A arqueóloga das florestas*, edição 287, 2020).

Com o exposto até aqui, é possível ter um vislumbre da concepção de mulher que a revista apresenta no período amostrado. No entanto, outros aspectos referentes às mulheres e ao feminino ainda são necessários serem apresentados e explorados, trajeto a ser percorrido com as próximas categorias de análise.

4.2 SEXUALIDADE, GESTAÇÃO, MATERNIDADE E PROTEÇÃO

A sexualidade é um conceito amplo, que abarca todos os seres humanos, e possui componentes biológicos, psicológicos e sociais (MAIA; RIBEIRO, 2011), compreendendo as relações sexuais e afetivas. Como citado no tópico anterior, o termo “corpo feminino” apareceu apenas três vezes e isso tem implicações em como a sexualidade feminina é trabalhada na revista. Termos como “prazer feminino”, “clitóris” e “orgasmo” não foram encontrados em nenhuma das edições amostradas. Por se tratar de uma revista de divulgação da ciência e tecnologia, a temática sobre o prazer humano pode não ser entendida como pertencente ao universo que a revista se dedica a trabalhar. No entanto, o clitóris constitui a biologia feminina, sendo um órgão com função exclusiva de proporcionar prazer, mas muitas vezes referenciado erroneamente como uma pequena estrutura localizada na vulva, sendo que a maior parte da sua constituição situa-se no interior do corpo feminino; além disso, as descobertas sobre a anatomia e funções desse órgão são muito mais recentes do que as do pênis, órgão homólogo (RAMOS, 2018), sendo necessária a divulgação dessas informações para que o conhecimento sobre o clitóris seja tão difundido quanto as informações sobre o pênis são.

No que diz respeito ao desenvolvimento de uma sexualidade positiva e saudável, é fundamental a comunicação efetiva nas relações interpessoais, ter em mente seus próprios valores e ser responsável nas decisões que tangem a vida sexual (MAIA; RIBEIRO, 2011) para poder desfrutar com prazer as experiências vividas e diminuir os riscos de que algo negativo possa interferir futuramente, como uma gravidez não planejada e/ou infecção. Essas situações se fizeram presentes e recorrentes na revista, com infecções sexualmente transmissíveis (IST) aparecendo 256 vezes; mãe ou maternidade, 89 vezes; gravidez ou gestação, 86 vezes; e sexo, sinônimo de relação ou prática sexual, 55 vezes.

Sobre as IST, as infecções que mais apareceram nas matérias foram as causadas pelos vírus HIV/Aids e HPV, tendo matérias exclusivas sobre as mesmas (*Aids: novas batalhas pela prevenção*, edição 250, 2016; *O fim da epidemia de Aids?*, edição 279, 2019; *HPV em estudantes*, edição 234, 2015; *HPV e câncer masculino*, edição 257, 2017). A relação entre as infecções e as mulheres surgiu principalmente por mulheres transexuais e travestis pertencerem ao grupo de alto risco para a infecção pelo vírus HIV, e pelas infecções pelo vírus HPV estarem relacionadas ao desenvolvimento de câncer do colo do útero, o terceiro mais frequente dentre os tumores malignos e o quarto em causas de morte de mulheres por câncer, no Brasil (INCA, 2021).

Além da saúde, as IST podem afetar a autoestima, causar medo e levar a situações de preconceito e discriminação. O objetivo ao falar sobre IST não é de disseminar os perigos e provocar o terror, mas de informar para que medidas responsáveis sejam tomadas e se possa aproveitar os momentos com o mínimo de preocupação. Os métodos de proteção contra IST foram citados 46 vezes, 23 vezes camisinha ou preservativo e 23 vezes Profilaxia Pré-Exposição (PrEP). As camisinhas ou preservativos (internos e externos) são barreiras físicas que protegem a/o usuária/o e parceria contra a transmissão e contaminação por agentes sexualmente transmissíveis, enquanto a PrEP é um medicamento antirretroviral, usado antes da possível exposição, capaz de prevenir a infecção por HIV com quase 100% de eficácia, devendo complementar e não substituir os preservativos (*Aids: novas batalhas pela prevenção*, edição 250, 2016). Além desses, existem outros dois métodos capazes de proteger contra as IST: a Profilaxia Pós-Exposição (PEP), medicamento antirretroviral utilizado após a possível exposição, e a vacinação contra o HPV, capaz de proteger contra a infecção por alguns tipos de HPV.

No entanto, além das IST, a prática sexual pode resultar em uma gestação. As gestações não planejadas podem ser classificadas em três tipos: precoce, indesejada e inoportuna. Segundo Lima *et al.* (2004), a gravidez precoce é aquela que ocorre em uma idade não ideal, considerando a maturidade física e psicológica dos envolvidos; para Vanessa Delgado e colaboradoras (2020), a gravidez indesejada é aquela que não corresponde às expectativas, enquanto a inoportuna é a que não acontece em um momento conveniente.

Ser mãe é um papel social designado à mulher como se fosse inato e instintivo, muitas vezes sendo utilizada a expressão "instinto materno" para justificar

como natural aquilo que é ensinado para a menina desde bebê, ao receber bonecas e ser estimulada a cuidá-las. Essa ideia também é construída para reforçar o pensamento da necessidade de uma mulher ser mãe para tornar-se uma mulher de fato ou uma mulher completa. No entanto, a maternidade não é um sonho ou desejo para todas as mulheres, principalmente àquelas que já questionaram a pressão social envolvida nessa questão. Para outras, a maternidade é muito sonhada e almejada.

Existem muitas maneiras de vivenciar a maternidade: através da gestação via relação sexual, da gestação com intervenções tecnológicas, como a inseminação artificial e a fertilização *in vitro*, e da adoção. Do ponto de vista social, todas elas têm em comum o peso que é dado à figura da mãe, tida como única ou principal responsável pelos/as filhos/as, e que deve abrir mão de si, do seu tempo livre, dos seus estudos e da sua carreira para se dedicar aos cuidados da prole e da casa.

Uma das formas de evitar ou adiar uma gestação é o acesso à informação e aos métodos contraceptivos (anticoncepcional/contraceptivo citado 102 vezes). O Manual Técnico de Assistência em Planejamento Familiar, do Ministério da Saúde (BRASIL, 2002), classifica os métodos em cinco categorias: métodos de abstinência periódica e natural, métodos de barreira, dispositivo intrauterino (DIU), métodos hormonais e métodos definitivos. A matéria *Contra a gravidez indesejada* (edição 227, 2015) apresenta os métodos contraceptivos de longa duração (LARC, do inglês, *long-acting reversible contraception*), que têm alta eficácia e são recomendados às adolescentes, informação que pode contribuir às estudantes se compartilhada em sala de aula.

Outros assuntos que se fazem presentes na revista são o aborto, parto e amamentação, com os números de aparecimento de 52, 31 e 31, respectivamente. Sobre o aborto, em entrevista com Anibal Faúndes (*Anibal Faúndes: O homem que aprendeu a enxergar as mulheres*, edição 245, 2016), o médico fala sobre a subnotificação das mortes maternas por aborto:

“Se não me engano, só 35% das mortes por aborto estavam registradas. Não deveria ocorrer nenhuma morte por aborto, porque hoje é um procedimento tão simples que não deveria causar mais risco do que uma injeção de penicilina. Não estou exagerando: parto é muito mais arriscado do que um aborto.” (p. 25)

Mesmo sendo a fala de um entrevistado e não uma matéria desenvolvida pela revista sobre o assunto, a presença deste tópico é fundamental para iniciar um debate e levantar questões sobre a criminalização do aborto induzido, por exemplo. Por ser um assunto delicado e uma prática ainda criminalizada no Brasil, pode ser difícil de ser trabalhado nas escolas. Assim, a presença de trechos sobre o aborto na revista pode auxiliar no início e desenvolvimento de debates em aula.

Sobre parto, destaco duas matérias específicas que tratam sobre os riscos de nascimentos prematuros causados pelas cesáreas agendadas, as quais podem proporcionar informações complementares sobre essa via de parto e serem relacionadas aos conhecimentos sobre ciclo menstrual e ovulação para a determinação da data provável de parto (*Antes da hora*, edição 228, 2015; *Um batalhão de nascimentos precoces*, edição 271, 2018). Em relação à amamentação, o termo aparece ao longo de algumas matérias, tendo como matéria específica *A idade do leite* (edição 268, 2018), que expõe achados arqueológicos de ossos e dentes de humanos em que é possível inferir algumas informações sobre a amamentação para essas pessoas, a qual também apresentava e ainda apresenta ação contraceptiva. Assim, essa temática foi pouco explorada no período, sendo comentada de forma pontual ao longo de alguns textos. Entretanto, esta última matéria pode despertar o interesse e a curiosidade das/os estudantes para o assunto.

4.3 VIOLÊNCIAS

Os termos que mais apareceram nesta categoria de análise foram: “violência” (169), “assédio” (168), “assédio sexual” (85) e “vítima” (67). Menos frequentes, mas ainda assim presentes, estão: “abuso” (17) e “assédio moral” (11). Do total de edições analisadas, várias matérias, em sua maioria na seção “Boas práticas”, dedicavam-se aos temas de assédio e abuso, as quais eram indicadas logo no título, a exemplo: *Dimensões do abuso no ambiente acadêmico* (edição 251, 2017), *A sombra do assédio na integridade da ciência* (edição 260, 2017), *Agência contra o assédio sexual* (edição 265, 2018), *Acusado de assédio, editor é destituído* (edição 267, 2018), *Cerco ao assédio sexual nos laboratórios* (edição 278, 2019), dentre outras.

A violência pode ser definida conforme às tipologias ou classificações já difundidas: autoinfligida, interpessoal e coletivo; e também pela natureza dos atos violentos: física, sexual, psicológica e de privação ou negligência (KRUG *et al.*, 2002). No Brasil, a Lei nº 11.340/2006, também conhecida como Lei Maria da Penha, define como formas de violência doméstica e familiar contra a mulher as violências física, psicológica, sexual, patrimonial e moral (BRASIL, 2006).

O tema da violência foi recorrente, apresentando-se em diversos contextos e tipos de matérias. Na entrevista com Anibal Faúndes (*Anibal Faúndes: O homem que aprendeu a enxergar as mulheres*, edição 245, 2017), o médico relata situações em que mulheres solicitam a reversão da laqueadura para poderem ter filhos, uma vez que o procedimento havia sido realizado sem que a mulher soubesse, apenas pela solicitação do marido ao médico que realizou a laqueadura. Outro exemplo é de adolescentes que evitam profissões predominantemente masculinas pelo medo de serem assediadas e não serem respeitadas (*Para desafiar estereótipos*, edição 261, 2017).

A matéria *Faces da violência doméstica* (edição 277, 2019) apresenta dados referentes à violência contra a mulher, como a maioria dos casos ocorrendo dentro de casa, por pessoas próximas à vítima, e que a baixa escolaridade e o baixo nível socioeconômico são fatores que podem contribuir para que mulheres sejam dependentes financeiramente dos seus agressores. Mais da metade das mulheres não denunciam os abusos e agressões sofridas devido à dependência financeira, mas também por serem desencorajadas e mal atendidas nas delegacias e serviços públicos de saúde. A matéria *Violência amplificada* (edição 293, 2020) complementa a primeira com dados referentes à influência da pandemia de Covid-19 nos casos de violência contra a mulher, com o isolamento social agravando as tensões causadas por situações de perda de emprego, sobrecarga com os trabalhos domésticos e convivência contínua sob o comportamento controlador do agressor. A matéria também apresenta que os casos de feminicídio aumentaram mais de 20% em 12 estados brasileiros. Os casos de violência contra a mulher seriam agravados “quanto mais as mulheres tentam superar as relações desiguais, quanto menos aceitam a autoridade masculina, deixando de cumprir os papéis que lhe foram atribuídos em relação aos cuidados com a casa e a família”, sendo “uma tentativa de controlar sua crescente autonomia, tanto em relação à sexualidade e ao corpo quanto a questões financeiras” (*Violência amplificada*, edição 293, p. 56-57, 2020). Na entrevista *Silvia*

Pimentel: O direito das mulheres (edição 281, 2019), a jurista afirma que a violência contra a mulher só será superada quando a violência for trabalhada na perspectiva de gênero, “como violência que é estrutural e estruturante, em sociedades desiguais e patriarcais” (p. 36). Por outro lado, na matéria *Violência amplificada* (edição 293, 2020) é afirmado que as violências motivadas por questões de gênero e sexualidade direcionadas às pessoas transexuais não são contempladas pela legislação.

A partir dessas matérias é possível entender com mais profundidade o contexto que envolve a violência doméstica e contra a mulher. Sabendo desses cenários, oportuniza-se o planejamento de meios para informar as estudantes sobre as condições que podem colocá-las em maior risco de serem vítimas de violência, incentivando a não interrupção dos estudos e a construção da sua independência.

Além apenas da violência contra mulher, também foram abordados casos referentes à homofobia (12 aparecimentos) e ao racismo (20 aparecimentos). Para as mulheres negras, as situações de violência são ainda piores. A porcentagem de vítimas de violência doméstica é maior considerando as mulheres autodeclaradas pretas ou pardas, chegando a 28,4% e 27,5% respectivamente (*Faces da violência doméstica*, edição 277, 2019).

Assim, é possível afirmar que a temática de violência recebeu atenção ao longo dos anos analisados, recebendo matérias inteiras sobre o assunto e o abordando em diversos cenários, como nos meios acadêmico-científicos, doméstico e direcionada à mulher. Abordagens sobre violências explícitas de racismo e homofobia não foram tão trabalhadas, apesar das questões étnico-raciais, de orientação sexual e identidade de gênero serem consideradas no período analisado.

4.4 GÊNERO E TRABALHO

O termo “carreira”, no que diz respeito às mulheres, foi citado 157 vezes; mulheres e meninas na ciência, 115; pesquisadoras, 71; e trabalho ou emprego, 61. Até pouco tempo, a mulher não fazia parte da composição de trabalhadores no mercado de trabalho, sendo sua função a de cuidadora do lar e dos filhos. No entanto, no início do século XX, a participação feminina se deu de forma crescente neste mercado, principalmente pelas ocorrências das Primeira e Segunda Guerras Mundiais, em que os homens iam para a batalha e muitos voltavam impossibilitados de trabalhar (SIMÕES; HASHIMOTO, 2012).

Como a revista *Pesquisa FAPESP* é uma revista de divulgação científica, a maior parte das referências da mulher e o seu trabalho se dá nos contextos universitários, como docentes e pesquisadoras. Foram publicadas diversas matérias sobre as mulheres no mercado de trabalho, como: *A força dos estereótipos* (edição 230, 2015); *As chances das mulheres na universidade* (edição 238, 2015); *Corredor estreito* (edição 252, 2017); *Em busca de equilíbrio* (edição 254, 2017); *Onde as cientistas não têm vez* (edição 273, 2018); dentre outras.

A matéria *A força dos estereótipos* (edição 230, 2015) apresenta que as mulheres ainda têm acesso restrito aos níveis mais altos da pesquisa. Já a matéria *As chances das mulheres na universidade* (edição 238, 2015) aborda as menores chances das mulheres alcançarem o topo da carreira como professoras. Em relação aos cargos administrativos, a matéria cita que as mulheres têm mais chances de assumirem cargos de coordenação de graduação, enquanto os homens assumem cargos de direção de unidade e coordenação de pós-graduação, demonstrando as dificuldades das mulheres em ocuparem cargos de maior poder universitário.

Outro ponto recorrente é o baixo número de mulheres nas áreas de filosofia, ciências, tecnologia, engenharias e matemática, as quais ainda apresentam grandes chances de abrirem mão da sua carreira em até uma década. Alguns dos motivos apresentados são os preconceitos e estereótipos de serem áreas masculinas, situações de assédio e humilhação, falta de referências femininas e rejeição de ideias.

A maternidade e os serviços domésticos também são citados como empecilhos no desenvolvimento da carreira das mulheres. A matéria *Balança desequilibrada* (edição 286, 2019) apresenta dados divulgados pelo IBGE de que cerca de 20% das mulheres brasileiras deixam de procurar trabalho por precisarem cuidar da casa, dos filhos e/ou de familiares. Além disso, as diferenças salariais também são destacadas, como na seção “Notas” da edição 264 (2018) e na seção “Dados” da edição 289 (2020). O primeiro texto indica que homens recebiam até US\$ 92 mil por ano, enquanto as mulheres recebiam até US\$ 74 mil. Em outro exemplo, os homens recebiam até US\$ 110 mil e as mulheres até US\$ 90 mil. Na seção “Dados” (edição 289, 2020) foi apresentado que na área de engenharia, em 2018, o salário médio das mulheres correspondia a 82% do salário médio dos homens.

Duas matérias apresentam situações históricas relacionadas ao trabalho da mulher na arte: *Sob o manto da invisibilidade* (edição 233, 2015) e *Modernismo revisitado* (edição 266, 2018). A primeira afirma que poucas artistas ousaram seguir o caminho profissional e as que seguiram esse caminho foram consideradas apenas amadoras talentosas. A segunda matéria comenta casos das escritoras que foram deixadas à margem na cena literária, tendo seus trabalhos reconhecidos apenas depois de suas mortes.

Com isso, as edições amostradas deixam explícitas as dificuldades que as mulheres ainda enfrentam para conseguirem ingressar e se manterem no mercado de trabalho. Questões da esfera privada interferem diretamente na carreira das mulheres, assim como os estereótipos de áreas femininas e masculinas, bem como violências e discriminações sofridas. Por outro lado, a autonomia financeira é essencial à mulher, principalmente no que diz respeito a sua segurança, não precisando se submeter a situações de violência ao ser independente financeiramente do agressor.

4.5 DESIGUALDADES SOCIOHISTÓRICAS E DIREITOS DA MULHER

Como visto até aqui, a revista *Pesquisa FAPESP* considerou diversas desigualdades nos textos publicados que compõem esta amostra, como as desigualdades de gênero, socioeconômicas e étnico-raciais. Outra desigualdade também citada é a desigualdade regional. Algumas matérias apresentam o tema da desigualdade em seus títulos, como: *Desigualdades persistentes* (edição 233, 2015); *Expansão desigual* (edição 264, 2018); *Elisa Pereira Reis: Olhar pioneiro sobre a desigualdade social* (edição 266, 2018); *A desigualdade escondida no equilíbrio* (edição 289, 2020); e outras. Sobre os direitos das mulheres, a matéria *Novos arranjos nos lares brasileiros* (edição 263, 2018) cita a conquista pelos direitos ao voto, ao divórcio, ao trabalho e à educação, os quais teriam estimulado a emancipação feminina, com a autonomia financeira e a redução nas taxas de fecundidade.

A matéria *As chances das mulheres na universidade* (edição 238, 2015) comenta como a desigualdade econômica beneficia mulheres docentes, que, para conseguirem trabalhar nas universidades, precisam contratar empregadas domésticas para as ajudarem no cuidado da casa e dos filhos. A saúde feminina

também é afetada por desigualdades, como o fato do câncer de colo de útero acometer principalmente mulheres negras e indígenas, das regiões Norte e Nordeste do Brasil (Pesquisa *na quarentena*, edição 295, 2020). Ainda sobre saúde feminina, Anibal Faúndes (*Anibal Faúndes: O homem que aprendeu a enxergar as mulheres*, edição 245, 2017) fala sobre como os programas de saúde da mulher podem não cumprir com o direito da mulher ao acesso à saúde:

“Em algum momento percebi que os programas de saúde da mulher que existiam eram programas que usavam a mulher, mas não eram para a mulher. O programa de atendimento pré-natal é para que o recém-nascido seja sadio. O de aleitamento materno é para que a criança seja alimentada e cresça bem. O de planejamento familiar era para reduzir o crescimento da população. O tratamento antirretroviral oferecido para mulheres HIV positivo era para não transmitir o vírus ao feto. Os programas de saúde da mulher tinham outros objetivos e a mulher era usada como meio para atingir esses objetivos, todos muito positivos. Faltava um programa de saúde da mulher para a mulher.” (p.27)

Já citadas anteriormente, a baixa participação de mulheres em algumas áreas e cursos também demonstram as desigualdades de gênero, as quais são difundidas através de ideias de que seria preciso um talento inato para se ter conhecimento em algumas áreas, muitas vezes com a contribuição da família e da escola na manutenção desses estereótipos (*A força dos estereótipos* edição 230, 2015). A ciência também contribui para as desigualdades de gênero, como mostra a matéria *Empatia e sistematização na profissão* (edição 245, 2016), em que uma teoria afirma que a empatia é um tipo cognitivo mais característico do gênero feminino, enquanto a sistematização é mais característica do gênero masculino.

Os prêmios Abel, Nobel e Medalha Fields também reproduzem as desigualdades entre homens e mulheres. Em 2019, na edição 278, foi publicado um texto sobre a primeira mulher matemática a ter recebido o prêmio Abel naquele ano (*A primeira matemática a ganhar o prêmio Abel*). Entre os anos 1936 e 2010 nenhuma mulher havia recebido uma Medalha Fields, o que mudou em 2014 com a medalha entregue à Maryam Mirzakhani, professora da Universidade de Stanford (*Exploradora dos espaços curvos*, edição 258, 2017). O Prêmio Nobel de 2019 homenageou apenas uma mulher, Esther Duflo, e, em 2020, homenageou apenas quatro. Das 930 pessoas que já receberam o prêmio, apenas 57 eram mulheres, e uma pesquisa indicou que há 96% de chances dos homens serem favorecidos na

premiação (*Um prêmio para homens*, edição 285, 2019; *Um pouco menos desigual*, edição 297, 2020).

Com esta última categoria de análise, é possível notar que as desigualdades e os direitos das mulheres apareceram direta ou indiretamente em todas as categorias de análise estabelecidas. As desigualdades, apresentam-se de diferentes formas e em diversos contextos desfavorecendo as mulheres, sendo ainda mais intensas e opressivas sobre aquelas que sofrem outros tipos de opressão, como de raça, classe e orientação sexual. Os direitos da mulher foram pouco abordados, o que se reflete nos 11 aparecimentos do termo ao longo das 72 edições amostradas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As temáticas de gênero e sexualidade são partes significativas dos conteúdos que constituem o currículo escolar de Ciências e Biologia da Educação Básica. No entanto, nem sempre são trabalhados de modo a sanar dúvidas, interesses e curiosidades das/os estudantes, comprometendo aprendizados relativos à sexualidade humana e as implicações socioculturais de gênero, bem como à desconstrução de estereótipos e preconceitos. Existem levantamentos que indicam números elevados de gestações precoces, infecções por agentes transmitidos sexualmente e de vítimas de violências psicológica, física e sexual. Assim, é de grande valor articular os conteúdos escolares às revistas de divulgação científica visando minimizar e combater esses problemas apresentados.

Diante disso, a análise dos textos presentes em uma amostra de seis anos de edições da revista *Pesquisa FAPESP*, identificando a presença/ausência de fragmentos sobre as temáticas de gênero e sexualidade, e sua abrangência em número de aparecimentos dos termos correlatos, permitiu fortalecer o argumento da necessidade de se criar articulações entre as informações e conhecimentos veiculados por revistas de divulgação científica e os conteúdos programáticos do ensino de Ciências e Biologia. A partir dessas articulações, em forma de projetos e/ou oficinas em ambientes escolares, ampliam-se as possibilidades de meninas e mulheres desenvolverem autoconhecimento, autonomia, segurança e empoderamento.

Com o decorrer deste estudo, observou-se que a revista de divulgação científica *Pesquisa FAPESP* apresenta diversos conteúdos com enfoque na mulher e no sexo feminino. Considerando as dimensões biológicas, a revista apresentou assuntos relacionados a alguns processos, como gestação, transmissão de IST, contracepção, saúde, doenças, e mais. Assim, considera-se que a revista contribui à segurança das adolescentes ao apresentar, por exemplo, os métodos contraceptivos que apresentam alta taxa de eficácia e longa duração, os quais são mais recomendados a essas meninas. O tema sobre parto também foi valorizado com as informações sobre os possíveis prejuízos do parto cirúrgico eletivo, as quais podem convidar professoras/es a discorrerem com mais atenção sobre as vias de partos, seus prós e contras, o balanço entre a escolha da mulher e a saúde do bebê, e relacionar aos conteúdos de ciclo menstrual e ovulação com a determinação da data provável de parto. Entretanto, os tópicos relacionados ao corpo e à sexualidade feminina foram pouco abordados, não apresentando questões que pudessem auxiliar meninas e mulheres a desenvolverem autoconhecimento de forma tão significativa.

Em relação à autonomia, segurança e empoderamento, a revista apresentou matérias que indicam a importância de uma mulher ser independente, especialmente no âmbito financeiro, o que reduz as chances de viverem em situações de violência. Por outro lado, também foi exposta as dificuldades que as mulheres sofrem da graduação ao mercado de trabalho, com preconceitos, discriminação, sobrecarga com as tarefas domésticas e maternidade, desigualdade salarial, dificuldades em assumirem cargos de liderança e chegarem ao topo da carreira.

Ainda, a revista possibilita o acesso a novidades científicas e discussões relacionadas ao contexto atual do Brasil e do mundo, como a influência da pandemia de Covid-19 nos dados de violência doméstica. Com isso, a revista apresenta suportes para que professoras/es possam se aprofundar em alguns conteúdos, de forma a adquirirem novos conhecimentos e/ou complementarem os conhecimentos prévios. Também é possível utilizar os recursos disponibilizados, como textos e imagens, para iniciar, guiar e enriquecer debates e conversas que possam vir a ser desenvolvidos em aulas, oficinas e projetos. A partir do que a revista apresenta, professoras/es podem construir suas estratégias pedagógicas em articulação com os conteúdos de divulgação científica, transformando os dados brutos em recursos

didáticos que possibilitem o desenvolvimento pessoal e social de suas/seus estudantes.

Esta pesquisa apresentou alguns dos pontos sobre os assuntos de gênero e sexualidade encontrados na revista *Pesquisa FAPESP*, destacando aqueles considerados mais relevantes para o conjunto do trabalho, não dando conta de desenvolver todos os recortes de forma específica e detalhada. A partir dos materiais analisados, esta revista de divulgação científica mostrou-se relevante e possível de ser utilizada para as práticas de ensino-aprendizagem no ambiente escolar, a qual contribui ao desenvolvimento de alguns conteúdos, mas que, para outros, ainda é deficiente, sendo necessários materiais complementares.

Assim, abre-se a oportunidade do desenvolvimento de pesquisas e estudos posteriores a este que vinculem o currículo escolar e os LD com as revistas de divulgação científica. Considerando a revista aqui analisada, é possível investigar a abordagem dos temas gênero e/ou sexualidade em anos anteriores ao desta amostra; focar nos aparecimentos sobre homens e o gênero masculino, e possíveis relações aos aparecimentos sobre mulheres e o gênero feminino; investigar essas temáticas em outras revistas de divulgação científica, nacionais e internacionais, e até mesmo realizar estudos comparativos com diferentes revistas. Além dos conceitos de gênero e sexualidade, outros tantos também poderiam ser investigados. Outro ponto é a necessidade do desenvolvimento de medidas para que esta e outras revistas de divulgação científica cheguem até as escolas e professoras/es, podendo ser assim trabalhadas em articulação aos conteúdos escolares.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional curricular comum**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. **Lei no 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo

LIMA, C. T. B *et al.* Percepções e práticas de adolescentes grávidas e de familiares em relação à gestação. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 4, n. 1, p. 71-83, 2004.

LOUREIRO, J. M. M. Museu de ciência, divulgação científica e hegemonia. **Ciência da Informação**, v. 32, n. 1, p. 88-95, 2003.

LOURO, G. L. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Formação Docente**, v. 3, n. 4, p. 62-70, 2011.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.

MACEDO, E. Um discurso sobre gênero nos currículos de Ciências. **Educação & Realidade**, v. 32, n. 1, p. 45-58, jun. 2007.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: princípios para ação. **Doxa**, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011.

NÚÑEZ, I. B. *et al.* A seleção dos livros didáticos: um saber necessário ao professor. O caso do ensino de Ciências. **Revista Iberoamericana De Educación**, v. 33, n. 1, p. 1-11, abr. 2003.

QUEIROZ, C. O gênero da ciência. **Pesquisa FAPESP**, nº 289, p. 19-22, 2020.

RAMOS, M. C. **Precisamos falar sobre o clitóris na escola**: investigando representações de estudantes de graduação em Biologia acerca do clitóris. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

RIO GRANDE DO SUL. **Manual para o uso não sexista da linguagem: o que bem se diz bem se entende**. Porto Alegre: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2014.

SALTON, A. **Livros didáticos de Biologia: corpo, gênero e sexualidade**. 2016. Monografia (Especialização em Gênero e Diversidade na Escola) - Universidade Federal do Paraná, Itajaí, 2016.

SIMÕES, F. I. W.; HASHIMOTO, F. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. **Revista Vozes dos Vales**, v. 1, n. 2, 2012.

SCHLICKMANN, C. A. A prática de análise linguística em livros didáticos de Língua Portuguesa. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL E INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 2011, Uberlândia. **Anais do SILEL**. Uberlândia: EDUFU, 2011.

SOUZA, S. L.; COAN, C. M. Abordagem da sexualidade humana em livros didáticos de Biologia. *In*: III Simpósio Internacional de Educação Sexual, 2013, Maringá. **Anais do Simpósio Internacional de Educação Sexual**. Maringá, 2013.

UNESCO. **Redação sem discriminação: pequeno guia vocabular com dicas para evitar as armadilhas do sexismo na linguagem corrente**: tradução de Maria Angela Casellato, Rachel Holzacker, Juan Manuel Fernandez. São Paulo: Texto novo. Versão com exemplos em português, inglês e espanhol do livreto diretrizes para uma linguagem não sexista, da UNESCO, 1996.

VALIENTE, C.; SELLES, S. Representação de corpos humanos em livros didáticos de Ciências em perspectivas históricas. *In*: XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2017, Florianópolis. **Anais do XI ENPEC**. Florianópolis: UFSC, 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Revista Pesquisa FAPESP – *Quem somos?*

Nossa missão é noticiar e discutir, de forma precisa, equilibrada e acessível, os resultados obtidos em ciência e tecnologia no Brasil, em todos os campos do conhecimento e que se destaquem por seu impacto intelectual, social ou econômico.

Editada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), a revista Pesquisa FAPESP foi lançada em outubro de 1999. O objetivo básico da publicação é difundir e valorizar os resultados da produção científica e tecnológica brasileira, da qual a FAPESP é uma das mais importantes agências de fomento.

Trata-se da única publicação jornalística do país especializada no segmento de ciência e tecnologia que tem por foco primordial a produção científica nacional, apesar de cobrir pontualmente as novidades internacionais. Por isso, a revista funciona como um polo de contato e reconhecimento contínuo dos pesquisadores brasileiros e como referência indispensável para as editorias de ciência e tecnologia dos veículos de comunicação nacionais.

Pesquisa FAPESP tem uma tiragem por volta de 30.000 exemplares e é resultado da evolução editorial do informativo Notícias FAPESP. Lançado em agosto de 1995, o informativo começou com uma distribuição gratuita para os pesquisadores paulistas, gestores da política nacional de ciência e tecnologia e jornalistas. Quatro anos mais tarde virou revista.

Desde março de 2002, além de ser enviada para uma seleta carteira de assinantes subsidiados composta de pesquisadores, Pesquisa FAPESP conta com assinaturas pagas, recebe publicidade e é comercializada em bancas de jornais no estado de São Paulo e nas principais cidades brasileiras.

Edição online – O site de Pesquisa FAPESP traz a íntegra de todos os textos publicados na revista, da edição de número 1 à mais recente. Traduções para o inglês e o espanhol das reportagens da revista também estão disponíveis no site. As versões em língua estrangeira das matérias são disponibilizadas aos poucos, à medida que os textos são traduzidos.

O endereço eletrônico de Pesquisa FAPESP também publica notícias sobre ciência e tecnologia especialmente produzidas para o meio digital. O site ainda publica vídeos e galerias de fotos, complementares ou não ao conteúdo da edição impressa.

Todo o conteúdo do site é de acesso aberto e gratuito.

Sugestões e críticas sobre a revista, tanto impressa como on-line, são bem-vindas. Para tanto, basta enviar um e-mail para a redação (cartas@fapesp.br). Você também pode seguir a revista no Twitter (<http://twitter.com/PesquisaFapesp>), no Facebook (<http://www.facebook.com/PesquisaFapesp>) e no Instagram

(https://www.instagram.com/pesquisa_fapesp/), além de assinar nosso canal no Youtube (<https://www.youtube.com/user/PesquisaFAPESP>).

EQUIPE RESPONSÁVEL

Comitê científico:

Luiz Henrique Lopes dos Santos (Presidente), Américo Martins Craveiro, Anamaria Aranha Camargo, Ana Maria Fonseca Almeida, Carlos Américo Pacheco, Catarina Segreti Porto, Claudia Lúcia Mendes de Oliveira, Deisy das Graças de Souza, Douglas Eduardo Zampieri, Eduardo de Senzi Zancul, Euclides de Mesquita Neto, Fabio Kon, Francisco Rafael Martins Laurindo, João Luiz Filgueiras de Azevedo, José Roberto de França Arruda, José Roberto Postali Parra, Leticia Veras Costa Lotufo, Lucio Angnes, Luciana Harumi Hashiba Maestrelli Horta, Mariana Cabral de Oliveira, Marco Antonio Zago, Marie-Anne Van Sluys, Maria Julia Manso Alves, Marta Teresa da Silva Arretche, Paula Montero, Richard Charles Garratt, Roberto Marcondes Cesar Júnior, Rui Monteiro de Barros Maciel, Sérgio Robles Reis Queiroz, Wagner Caradori do Amaral e Walter Colli

Coordenador Científico: Luiz Henrique Lopes dos Santos

Diretora de redação: Alexandra Ozorio de Almeida

Editor chefe: Neldson Marcolin

Editores: Fabrício Marques (Política Científica e Tecnológica), Glenda Mezarobba (Humanidades), Marcos Pivetta (Ciência), Yuri Vasconcelos (Tecnologia), Maria Guimarães (on-line)

Editores especiais: Carlos Fioravanti e Ricardo Zorzetto

Repórteres: Christina Queiroz, Rodrigo de Oliveira Andrade

Redatores: Jayne Oliveira (Site) e Renata Oliveira do Prado (Mídias Sociais)

Editora de arte: Claudia Warrak

Arte: Alexandre Afonso (Editor de infografia), Felipe Braz (Designer digital) Maria Cecilia Felli

Fotógrafo: Léo Ramos Chaves

Revisores: Alexandre Oliveira e Margô Negro

Gerente de marketing e divulgação: Paula Iliadis

Gerente de circulação: Clair Marchetti

Gerente de operações: Andressa Matias

Banco de imagens: Valter Rodrigues

Secretária da redação: Ingrid Teodoro

Mídias eletrônicas: Fabrício Marques (coordenador)

PESQUISA FAPESP On-line

Editora executiva: Maria Guimarães

Rádio: Programa Pesquisa Brasil

Produtora: Sarah Caravieri

Tradução da versão em espanhol: Damian Kraus

Tradução da versão em inglês: Tracy Smith Miyake, Tom Jamieson, Danielle Deremo Cosimo, Peter David Hunrichs, Tiago Van Rheenen. Coordenação/Revisão: Ricardo Cunha Lay. Edições 254, 258 e 260 em diante.

TransConsult, Fairfax, VA – Alberto Abreu, Alison Carroll, Betty E. Welker, Diane Grosklaus Whitty, Donna H. Sandin, Doris M. Schraft, Kathy Ann Mutz, Laura Hafner, Naomi Sutcliffe de Moraes, Steven Sachs. Coordenação/Revisão: Kim F. Olson. Edições 195 a 259 (exceto edições 254 e 258).

FAPESP

Presidente: Marco Antonio Zago

Vice-presidente: Ronaldo Aloise Pilli

CONSELHO SUPERIOR

Carmino Antonio de Souza, Helena Bonciani Nader, Ignácio Maria Poveda Velasco, João Fernando Gomes de Oliveira, Liedi Legi Bariani Bernucci, Mayana Zatz, Mozart Neves Ramos, Pedro Luiz Barreiros Passos, Pedro Wongtschowski, Vanderlan da Silva Bolzani

CONSELHO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO

Diretor-presidente: Carlos Américo Pacheco

Diretor Científico: Luiz Eugênio Mello

Diretor Administrativo: Fernando Menezes de Almeida

ASSINATURAS

Telefone: (11) 3087-4237

E-mail: assinaturapesquisa@fapesp.br

PUBLICIDADE

Paula Iliadis

Tel: (11) 3087-4212
E-mail: publicidade@fapesp.br

REVISTA PESQUISA FAPESP
Rua Joaquim Antunes, nº 727, 10º andar, CEP 05415-012
Pinheiros – São Paulo – SP.
Telefone: (11) 3087 4210.
E-mail: redacao@fapesp.br

Os artigos opinativos não refletem necessariamente a visão da FAPESP.

É permitida a republicação das reportagens em meios digitais de acordo com a licença Creative Commons CC-BY-NC-ND. É obrigatório o cumprimento da Política de Republicação Digital de Conteúdo de Pesquisa FAPESP. Em resumo, o texto não deve ser editado e a autoria deve ser atribuída, assim como a fonte (Pesquisa FAPESP). O uso do botão “republicar reportagem completa (imagens e infográficos)” permite o atendimento a essas normas.

Fonte: <https://revistapesquisa.fapesp.br/quem-somos/>

APÊNDICE B – Recortes das edições da revista *Pesquisa FAPESP* (2015-2020) em que foram coletados os dados

ANO DE 2015

Janeiro - Edição 227 (nº total de páginas: 84)

- Ciência: Contra a gravidez indesejada (p. 48-49).
- Humanidades: Turismo como estratégia (p. 64-67).
- Conto: Diálogo (P. 78-79).

Fevereiro - Edição 228 (nº total de páginas: 100)

- Capa: Antes da hora (p. 18-23).
- Humanidades: Arquitetura do saber (p. 82-85).

Março - Edição 229 (nº total de páginas: 100)

- Arte: Tomie Ohtake (p. 90-92).

Abril - Edição 230 (nº total de páginas: 100)

- Capa: Ora pois, uma língua bem brasileira (p. 16-23).
- Política C&T: A força dos estereótipos (p. 30-33).
- Política C&T: Em primeira mão (p. 42-43).

Maiο - Edição 231 (nº total de páginas: 100)

- Entrevista: Nanuza Luiza de Menezes: Uma apaixonada em meio às plantas (p. 26-31).
- Humanidades: Poética de resíduos (p. 78-81).

Junho - Edição 232 (nº total de páginas: 100)

- Cartas: Cartas | 232 (p. 5).
- Entrevista: Alexander Wilhelm Armin Kellner: Nas asas do passado (p. 24-29).
- Ciência: Uma longa maturação (p. 46-53).

Julho - Edição 233 (nº total de páginas: 100)

- Entrevista: Magda Becker Soares: O poder da linguagem (p. 24-29).
- Política C&T: Ciência em movimento (p. 38-39).
- Ciência: As novas faces do câncer (p. 40-45).
- Humanidades: Desigualdades persistentes (p. 82-85).
- Memória: O colecionador (p. 90-91).
- Arte: Sob o manto da invisibilidade (p. 92-93).

Agosto - Edição 234 (nº total de páginas: 100)

- Tecnociência: HPV em estudantes (p. 15).
- Humanidades: Reportar a ciência (p. 76-81).

Setembro - Edição 235 (nº total de páginas: 100)

- Política C&T: Uma fórmula que deu certo (p. 29-35).

Outubro - Edição 236 (nº total de páginas: 100)

- Entrevista: Boris Schnaiderman: Memórias de um ex-combatente (p. 24-29).
- Resenhas: Sexualização dos crimes femininos (p. 95).

Novembro - Edição 237 (nº total de páginas: 100)

- Humanidades: Cidades alteradas (p. 84-85).

Dezembro - Edição 238 (nº total de páginas: 100)

- Política C&T: As chances das mulheres na universidade (p. 40-43).
- Política C&T: Trabalho recompensado (p. 44-47).

ANO DE 2016**Janeiro - Edição 239 (nº total de páginas: 100)****Fevereiro - Edição 240 (nº total de páginas: 100)**

- Cartas: Cartas | 240 (p. 5).
- Entrevista: Jorge Kalil: Domador de crises (p. 22-27).

Março - Edição 241 (nº total de páginas: 100)

- Dados e Projetos: Mulheres na ciência (p. 8).
- Capa: Incertezas sobre a microcefalia (p. 14-19).
- Ciência: Além do modelo padrão (p. 56-59).
- Humanidades: A figura poética da prostituta (p. 82-85).
- Humanidades: A maternidade na prisão (p. 86-88).

Abril - Edição 242 (nº total de páginas: 100)

- Estratégias: Para orientar adolescentes transgêneros (p. 10).

- Estratégias: Apoio privado à ciência (p. 11).
- Tecnociência: Morte fetal diminui no país (p. 15).
- Ciência: As conexões do Zika (p. 48-51).
- Informe Publicitário: Mulheres na ciência (p. 65).
- Humanidades: Diante do silêncio sobre a morte (p. 84-87).

Maio - Edição 243 (nº total de páginas: 100)

- Cartas: Cartas | 243 (p. 5).
- Entrevista: Guido Carlos Levi: Reação inesperada (p. 24-29).
- Política C&T: Youtubers na ciência (p. 34-37).

Junho - Edição 244 (nº total de páginas: 100)

- Entrevista: Yara Schaeffer Novelli: No atoleiro do manguezal (p. 20-25).
- Memória: Em nome dos pesquisadores (p. 90-93).

Julho - Edição 245 (nº total de páginas: 100)

- Entrevista: Anibal Faúndes: O homem que aprendeu a enxergar as mulheres (p. 22-29).
- Política C&T: Celeiro de talentos (p. 38-41).
- Carreiras: Empatia e sistematização na profissão (p. 98).

Agosto - Edição 246 (nº total de páginas: 100)

- Cartas: Cartas | 246 (p. 5).
- Estratégias: As mulheres e a ciência (p. 11).
- Tecnologia: A química do futuro (p. 72-75).
- Obituário: Visão inovadora da farmacologia (p. 89).
- Obituário: Dedicção integral ao teatro (p. 88).

Setembro - Edição 247 (nº total de páginas: 100)

- Cartas: Cartas | 247 (p. 5).
- Humanidades: Ateliê Juquery (p. 78-83).
- Humanidades: Leis no feminino (p. 84-86).

Outubro - Edição 248 (nº total de páginas: 100)

- Capa: A frágil saúde dos adolescentes (p. 16-23).
- Capa: Tempos de turbulência (p. 24-27).
- Entrevista: Thomas Lewinsohn: Amplitude para pensar (p. 28-33).

Novembro - Edição 249 (nº total de páginas: 100)

- Cartas: Cartas | 249 (p. 5).
- Resenha: O mundo misterioso do sadomasoquismo (p. 94).

Dezembro - Edição 250 (nº total de páginas: 100)

- Capa: Aids: novas batalhas pela prevenção (p. 18-23).
- Entrevista: Neil Geoffrey Turok: Em busca de jovens brilhantes (p. 24-29).
- Ciência: O preço da abstinência (p. 42-49).

Janeiro - Edição 251 (nº total de páginas: 100)

- Cartas: Cartas | 251 (p. 6).
- Boas práticas: Dimensões do abuso no ambiente acadêmico (p. 8).
- Notas: Reconhecimento mais ágil de diplomas do exterior (p. 13).
- Entrevista: Lux Boelitz Vidal: Colecionadora de culturas (p. 26-33).
- Política C&T: Calmaria inquietante (p. 38-41).

Fevereiro - Edição 252 (nº total de páginas: 100)

- Boas práticas: Inovação responsável na UE (p. 8).
- Entrevista: Eduardo Franco: Um pé na ciência, outro no ativismo (p. 26-31).
- Política C&T: Corredor estreito (p. 32-35).

Março - Edição 253 (nº total de páginas: 100)

- Capa: Intelectuais em ação (p. 24-25).
- Política C&T: Para celebrar a engenharia (p. 36-38).
- Humanidades: Modos de libertação e sobrevivência (p. 88-91).
- Memória: Pioneirismo na saúde da mulher (p. 92-93).

Abril - Edição 254 (nº total de páginas: 100)

- Notas: Mulheres nos simpósios da Magna Grécia (p. 12).
- Política C&T: Em busca de equilíbrio (p. 40-43).
- Política C&T: Perguntas arriscadas (p. 44-45).
- Pesquisadores em empresas: Softwares em transformação (p. 74-77).
- Memória: A face feminina da psicanálise (p. 92-94).

Maiο - Edição 255 (nº total de páginas: 100)

- Entrevista: Roberto Lent: Especialista em conexões (p. 30-35).
- Ciência: Berenice Bilharinho de Mendonça: O drama dos hormônios (p. 52-55).

Junho - Edição 256 (nº total de páginas: 100)

- Cartas: Cartas | 256 (p. 6).
- Entrevista: Thaisa Storchi Bergmann: No entorno dos buracos negros (p. 30-35).
- Humanidades: Do chão de fábrica ao plenário (p. 80-83).

Julho - Edição 257 (nº total de páginas: 100)

- Capa: Aliados improváveis (p. 18-25).
- Entrevista: Maria Ligia Coelho Prado: Questões abertas na América Latina (p. 26-31).
- Ciência: HPV e câncer masculino (p. 60-61).
- Humanidades: Cidades unidas (p. 80-82).

Agosto - Edição 258 (nº total de páginas: 100)

- Obituário: Exploradora dos espaços curvos (p. 42-43).
- Ciência: Yvonne Primerano Mascarenhas: A senhora dos cristais (p. 50-53).
- Humanidades: A periferia por ela mesma (p. 82-87).
- Memória: Coletora autônoma (p. 90-91).
- Resenha: Simples e pleno (p. 92-93).

Setembro - Edição 259 (nº total de páginas: 100)

- Dados: Mulheres na ciência (p. 11).
- Entrevista: Ataliba Teixeira de Castilho: O linguista libertário (p. 30-35).

Outubro - Edição 260 (nº total de páginas: 100)

- Boas práticas: A sombra do assédio na integridade da ciência (p. 8-9).

Novembro - Edição 261 (nº total de páginas: 100)

- Política C&T: Para desafiar estereótipos (p. 46-48).
- Humanidades: A saúde entre dois mundos (p. 78-83).
- Obituário: Filósofo da vida cotidiana (p. 88-89).

Dezembro - Edição 262 (nº total de páginas: 100)

- Cartas: Cartas | 262 (p. 6).
- Entrevista: Elza Berquó: Marcas do pioneirismo na demografia (p. 30-37).
- Carreiras: Distúrbios na academia (p. 63-65).

ANO DE 2018**Janeiro - Edição 263 (nº total de páginas: 100)**

- Entrevista: Olival Freire Junior: Contador de histórias controversas (p. 24-29).
- Ciência: Mais uma possível causa do autismo (p. 50-55).
- Humanidades: Novos arranjos nos lares brasileiros (p. 86-89).

Fevereiro - Edição 264 (nº total de páginas: 100)

- Notas: Salários desiguais entre homens e mulheres (p. 13).
- Capa: Expansão desigual (p. 18-23).
- Entrevista: Peter Lees Pearson: Do micro ao macro, um buscador de soluções (p. 24-29).
- Política C&T: #Os100Mais Comentados (p. 40-42).
- Tecnologia: Inovação no diagnóstico de câncer (p. 77-79).
- Humanidades: Um arco-íris de exigências (p. 86-89).

Março - Edição 265 (nº total de páginas: 100)

- Boas práticas: Agência contra o assédio sexual (p. 12).
- Dados: Mulheres docentes do ensino superior (p. 13).
- Boas práticas: Agência contra o assédio sexual (p. 12).

Abril - Edição 266 (nº total de páginas: 100)

- Notas: Max Planck procura 20 novos diretores (p. 13).
- Notas: O mapa da fome e da educação na África (p. 13).
- Notas: Em Washington, raridades sobre o Brasil (p. 15).
- Notas: Sucesso no financiamento coletivo (p. 15).
- Capa: O mundo mediado por algoritmos (p. 18-25).
- Entrevista: Elisa Pereira Reis: Olhar pioneiro sobre a desigualdade social (p. 26-31).
- Política C&T: Ambiente diverso (p. 44-47).
- Humanidades: Modernismo revisitado (p. 82-86).

Maio - Edição 267 (nº total de páginas: 100)

- Boas práticas: Acusado de assédio, editor é destituído (p. 10).
- Ciência: Barreira anti-HIV (p. 58-59).
- Humanidades: Villa-Lobos (quase) desconhecido (p. 82-87).
- Memória: Para voltar aos velhos tempos (p. 90-93).

Junho - Edição 268 (nº total de páginas: 100)

- Notas: Uma mulher no comando da revista Nature (p. 17).
- Entrevista: Igor Pacca: Em busca dos segredos do interior da Terra (p. 28-33).
- Ciência: A idade do leite (p. 52-53).
- Humanidades: A vida nos partidos políticos (p. 72-77).
- Obituário: Ponte para o mundo (p. 90-91).

Julho - Edição 269 (nº total de páginas: 92)

- Boas práticas: Para enfrentar o assédio sexual na academia (p. 8-9).
- Boas práticas: Unicamp discute discriminação de gênero e violência sexual (p. 10).
- Humanidades: Gestações transnacionais (p. 70-75).
- Carreiras: Maternidade no currículo (p. 87-90).

Agosto - Edição 270 (nº total de páginas: 100)

- Cartas: Comentários | 270 (p. 6).
- Entrevista: Tullo Vigevani: Em busca de autonomia (p. 28-33).

Setembro - Edição 271 (nº total de páginas: 100)

- Boas práticas: Relações impróprias (p. 10).
- Política C&T: Arte sintetizada em laboratório (p. 34-37).
- Ciência: Um batalhão de nascimentos precoces (p. 52-55).

Outubro - Edição 272 (nº total de páginas: 100)

- Notas: Contra a violência sexual como arma de guerra (p. 17).
- Memórias que o fogo não apagou (p. 36-41).
- *In memoriam* (p. 84-85).
- Obituário: Desbravador da ciência (p. 90-91).

Novembro - Edição 273 (nº total de páginas: 100)

- Dados: Jovens adultos (p. 11).
- Política C&T: Babel de startups (p. 38-41).
- Humanidades: Pela sobrevivência das línguas indígenas (p. 78-82).
- Carreiras: Onde as cientistas não têm vez (p. 96-98).

Dezembro - Edição 274 (nº total de páginas: 100)

- Ciência: Um centro que zela pela saúde na Amazônia (p. 34-37).
- Política C&T: Magdalena Skipper: No ofício de disseminar a ciência (p. 46-49).
- Humanidades: Segredos da floresta (p. 84-89).

Janeiro - Edição 275 (nº total de páginas: 100)

- Cartas: Cartas | 275 (p. 6).
- Humanidades: Cotidiano esquecido (p. 92-94).

Fevereiro - Edição 276 (nº total de páginas: 100)

- Boas práticas: Má conduta em resumos sobre má conduta (p. 10).
- Política C&T: Mulheres visíveis (p. 36-39).
- Política C&T: Traços ocultos de Portinari (p. 46-49).
- Humanidades: Saúde global em movimento (p. 74-79).
- Obituário: Rompendo barreiras (p. 88).
- Carreiras: Riscos à liberdade acadêmica (p. 95-97).

Março - Edição 277 (nº total de páginas: 100)

- Dados: Títulos de doutorado no Brasil – participação feminina (p. 11).
- Política C&T: Microfones abertos para a ciência (p. 36-40).
- Ciência: O peso das emoções sobre o coração (p. 50-53).
- Humanidades: Faces da violência doméstica (p. 82-86).

Abril - Edição 278 (nº total de páginas: 100)

- Boas práticas: Cerco ao assédio sexual nos laboratórios (p. 8-9).
- Boas práticas: Editor é afastado por homofobia (p. 10).
- Notas: A primeira matemática a ganhar o prêmio Abel (p. 16).
- Entrevista: Jairton Dupont: O químico radical (p. 28-33).
- Humanidades: Magistratura em transformação (p. 80-85).
- Humanidades: Uma obra para cinéfilos (p. 90-92).

Maio - Edição 279 (nº total de páginas: 100)

- Entrevista: Antônio Drauzio Varella: Palavra de médico (p. 26-33).
- Política C&T: O fim da epidemia de Aids? (p. 34-38).
- Política C&T: Abraçando as diferenças (p. 46-47).
- Carreiras: A retomada do espaço da mulher na computação (p. 94-97).
- Carreiras: Para ampliar as conexões (p. 98).

Junho - Edição 280 (nº total de páginas: 100)

- Boas práticas: Punição após 40 anos de assédio em Harvard (p. 10).
- Capa: O retorno à Lua (p. 18-23).
- Capa: Da guerra ao espaço (p. 24-27).
- Entrevista: France Córdova: Para entender a natureza das coisas (p. 28-31).
- Política C&T: Benefícios do investimento em ciência (p. 36-39).
- Ciência: Na pele da tilápia (p. 70-73).
- Humanidades: Juventude extraviada (p. 74-79).
- Obituário: Dedicção plena à matemática (p. 88-89).

Julho - Edição 281 (nº total de páginas: 100)

- Boas práticas: Academia poderá expulsar membros por má conduta (p. 10).
- Entrevista: Sílvia Pimentel: O direito das mulheres (p. 32-37).

Agosto - Edição 282 (nº total de páginas: 100)

- Política C&T: Um lugar para as meninas na matemática (p. 42-45).
- Humanidades: Pensadoras ocultas (p. 86-89).
- Memória: Intimidade sertaneja (p. 92-95).

Setembro - Edição 283 (nº total de páginas: 100)

- Boas práticas: Astrofísica é demitida por assédio moral (p. 10).
- Notas: Uma lei para inibir assédio nas universidades (p. 17).
- Entrevista: Márcia Cristina Bernardes Barbosa: Mais espaço para as mulheres (p. 26-31).
- Humanidades: Memórias reveladas (p. 78-83).

Outubro - Edição 284 (nº total de páginas: 100)

- Cartas: Comentários (p. 6).
- Boas práticas: Doação irregular derruba diretor de laboratório do MIT (p. 10).
- Pesquisa Fapesp 20 anos: A expansão em números (p. 38-41).
- Entrevista: Eunézio Antonio Thoroh de Souza: O vozeirão do grafeno (p. 42-47).
- Política C&T: Para explicar a complexidade (p. 56-57).

Novembro - Edição 285 (nº total de páginas: 100)

- Notas: Um prêmio para homens (p. 15-17).
- Política C&T: Richard Sever: Para acelerar a comunicação da ciência (p. 48-49).

Dezembro - Edição 286 (nº total de páginas: 100)

- Cartas: Comentários | 286 (p. 6).
- Capa: Fé pública (p. 12-19).
- Capa: Estratégia corporativa (p. 20-21).
- Entrevista: Gláucio Ary Dillon Soares: O sociólogo apaixonado (p. 22-27).
- Política C&T: Corrida para medir impacto (p. 32-35).
- Humanidades: Balança desequilibrada (p. 74-79).
- Boas práticas: Pesquisador da Purdue admite fraude (p. 92).
- Dados: Emprego formal em engenharia (p. 93).

ANO DE 2020

Janeiro - Edição 287 (nº total de páginas: 100)

- Cartas: Comentários | 287 (p. 6)
- Capa: Silvio Crestana: Questão de Sobrevivência (p. 28-29).
- Entrevista: Anna Curtenius Roosevelt: A arqueóloga das florestas (p. 30-35).
- Carreiras: Bullying nas escolas de saúde (p. 95-97).
- Carreiras: Espaço à vista (p. 98)..

Fevereiro - Edição 288 (nº total de páginas: 100)

- Entrevista: Thelma Krug: A negociadora do clima (p. 26-31).

Março - Edição 289 (nº total de páginas: 100)

- Dados: Salário no emprego formal em engenharia para mulheres e homens no Brasil¹ (p. 11).
- Capa: O gênero da ciência (p. 18-25).
- Capa: A desigualdade escondida no equilíbrio (p. 26-31).
- Entrevista: Augusto Damineli: Intérprete estelar (p. 32-37).
- Carreiras: O cuidado como profissão (p. 96-97).

Abril - Edição 290 (nº total de páginas: 100)

- Cartas: Comentários | 290 (p. 6).
- Humanidades: Ruídos à brasileira (p. 86-89).

Mai - Edição 291 (nº total de páginas: 100)

- Cartas: Comentários | 291 (p. 6).
- Boas práticas: O custo de tolerar o assédio sexual (p. 8-9).
- Obituário: Um pensador do desenvolvimento (p. 93).
- Obituário: Competência cirúrgica e inventividade (p. 94).
- Carreiras: Dedicção à natureza (p. 98).

Junho - Edição 292 (nº total de páginas: 100)

- Cartas: Comentários | 292 (p. 6).
- Pesquisa na quarentena (p. 25).
- Manual de guerrilha contra a desigualdade (p. 64-67).
- O paradoxo diversidade-inovação (p. 68-71).
- Obituário: Intérprete dialético (p. 88-89).
- Memória: No âmago do átomo (p. 91-95).

Julho - Edição 293 (nº total de páginas: 100)

- Boas práticas: Harvard afasta antropólogo por assédio sexual (p. 10).
- Notas: No espaço e no mar profundo (p. 14).
- Violência amplificada (p. 54-59).
- Entrevista: Ricardo Magnus Osório Galvão: O físico que não se dobra (p. 64-69).
- Obituário: Agregador de conhecimento e pessoas (p. 88-89).
- Memória: Um intelectual na periferia (p. 92-95).

Agosto - Edição 294 (nº total de páginas: 100)

- Boas práticas: Nomeação cancelada após escândalo (p. 10).
- Abrindo torneiras (p. 80-85).
- Para evitar o esquecimento (p. 86-90).
- Resenha: Uma voluntária da pátria (p. 91).

Setembro - Edição 295 (nº total de páginas: 100)

- Pesquisa na quarentena (p. 23).
- Entrevista: Yvonne Maggie: Antropóloga das religiões afro-brasileiras (p. 58-63).
- Estética da ruptura (p. 84-88).
- Muito além da poesia (p. 89-92).
- Carreiras: Cardápio não convencional (p. 98).

Outubro - Edição 296 (nº total de páginas: 100)

- Capa: Um horizonte de direitos (p. 32-39).
- A escritora das entrelinhas (p. 82-85).

Novembro - Edição 297 (nº total de páginas: 100)

- Notas: Um pouco menos desigual (p. 15-16).
- Impactos da pesquisa na sociedade (p. 54-58).
- Destaque internacional (p. 68-69).
- Sistema contra a fome (p. 78-79).
- Paradoxo à mesa (p. 80-85).

Dezembro - Edição 298 (nº total de páginas: 100)

- Boas práticas: Unicamp lança política de integridade em pesquisa (p. 8-9).
- Pesquisa na quarentena (p. 34-35).
- Entrevista: Lourdes Sola: As transições da democracia (p. 38-43).
- Sequência de obstáculos (p. 48-51).
- Boas práticas: Protagonismo restaurado (p. 87-90).

APÊNDICE C – Quadro das categorias de análise, subcategorias e número de aparecimentos

CATEGORIAS DE ANÁLISE	SUBCATEGORIAS	NÚMERO DE APARECIMENTOS
MENINAS E MULHERES	Mulher	1455
	Feminina/o	199
	LGBT	169
	Meninas/Garotas	123
	Negros/as	115
	Alunas/Estudantes	90
	Mulher/Esposa	75
	Proporção de mulheres	17
	Papel da mulher	16
	Desenvolvimento sexual	8
	Indígenas	7
	Corpo feminino	3
SEXUALIDADE, GESTAÇÃO, MATERNIDADE E PROTEÇÃO	IST	256
	Anticoncepcional/Contraceptivo	102
	Mãe/Maternidade	89
	Gravidez/Gestação	86
	Sexo	55
	Aborto	52
	Amamentação	31
	Parto	31
	Transmissão IST	26
	Camisinha/Preservativo	23
	PrEP	23
	Sexualidade	18
Planejamento familiar	9	

VIOLÊNCIAS	Violência	169
	Assédio	168
	Assédio sexual	85
	Vítima	67
	Raça/Racial	39
	Escravas	20
	Racismo	20
	Abuso	17
	Estupro	16
	Homofobia	12
	Assédio moral	11
GÊNERO E TRABALHO	Carreira	157
	Mulheres/Meninas na ciência	115
	Pesquisadoras	71
	Trabalho/Emprego	61
	Profissional	40
	Professoras/Docentes	38
	Serviço doméstico	20
	Mercado de trabalho	17
	Liderança feminina	13
	Autonomia	6
DESIGUALDADES SOCIOHISTÓRICAS E DIREITOS DA MULHER	Participação feminina	110
	Feminismo/Feministas	69
	Presença feminina	55
	Representação feminina	39
	Discriminação	37
	Desigualdade	30
	Preconceito	29
	Desigualdade gênero	27
	Estereótipos	27
	Saúde feminina	25

	Igualdade de gênero	24
	Equidade de gênero	19
	Direitos da mulher	11